



ALUNO: LÁZARO ANDRÉ DE OLIVEIRA PASSOS

APARTHEID
**UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA POLÍTICA DO
APARTHEID NA ATUAL ÁFRICA DO SUL.**

**Monografia apresentada como
requisito para aprovação no
curso de bacharelado em
Relações Internacionais do
UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília
Orientadora: Raquel Boing
Marinucci**

**BRASÍLIA
2004**

ALUNO: LÁZARO ANDRÉ DE OLIVEIRA PASSOS

APARTHEID
**UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA POLÍTICA DO
APARTHEID NA ATUAL ÁFRICA DO SUL.**

Banca Examinadora:

Prof. Raquel Boing Marinucci
(Orientadora)

Profa. Renata de Melo Rosa
(Membro)

Prof. Prof. Tarciso Dal Maso Jardim
(Membro)

BRASÍLIA
2004

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise do processo de colonização da África do Sul, estudando as razões para o surgimento do racismo dando base para a instauração do apartheid como regime vigente no país durante tanto tempo. São enfocadas também teorias no âmbito das Relações Internacionais como nação, comunidade, pontos de abordagem do totalitarismo, para comparar como os referidos temas são abordados na África do Sul. É visto também que recursos foram utilizados pelo Estado para conseguir fazer com que sua população aceitasse o um regime tão excludente como governo. Por fim são apresentadas análises de filmes que abordam o tema do apartheid para assim fazer uma comparação entre a história vista no primeiro capítulo com as teorias vistas no segundo, proporcionando assim a possibilidade de se fazer uma análise da atual África do Sul, segundo o olhar estereotipado do cinema.

ABSTRACT

This monograph has as its goal to prepare an analysis of the colonization process in South Africa, studying the reasons for the appearance of the racism, being a base for the installation of the apartheid as the ruling regime in the country for so long. It will also be used some theories of International Relations as nation, community, topics for totalitarianism, to compare how the same theories are used in South Africa. It will be also seen the mechanisms used by the State to make its population to accept such an excluding regime as actual government. At last, it will be presented analysis of films, which talk about the apartheid theme, in order to make a comparison between the histories seen in the first chapter with the theories seen in the second chapter, allowing us to make an analysis of the actual South Africa, like the stereotyped look of the movies.

SUMÁRIO

Resumo	iii
Abstract	iv
Sumário.....	v
Introdução.....	Pág.01
1 – Um breve histórico da colonização sul-africana.....	Pág.03
1.1 – Os primeiros habitantes.....	Pág.03
1.2 – A colonização.....	Pág.04
1.3 – A chegada Bantu.....	Pág.07
1.4 – Raça.....	Pág.08
1.5 – Estruturas políticas na época da colonização.....	Pág.11
1.5.1 – Sociedades negras.....	Pág.11
1.5.2 – República Bôer.....	Pág.12
1.5.3 – Colônias britânicas.....	Pág.13
1.6 – Geoffrey Cronjé.....	Pág.14
1.7 – O nascimento do apartheid.....	Pág.18
2 – Fundamentação teórica para nação e comunidade.....	Pág.22
2.1 – Nação.....	Pág.22
2.2 – Comunidade.....	Pág.24
2.3 – Direitos Humanos.....	Pág.29
2.4 – Igualdade.....	Pág.30
2.5 – Racismo.....	Pág.33
2.6 – Aparelhos ideológicos do Estado.....	Pág.36
3 – Uma análise da vida cotidiana sul-africana.....	Pág.39
3.1 – A sétima arte.....	Pág.39
3.1.1 – <i>Sarafina – O som da liberdade</i>	Pág.40
3.1.2 – <i>O poder de um jovem</i>	Pág.45
3.1.3 – <i>Um grito de liberdade</i>	Pág.50

3.1.4 – <i>Images of South Africa</i>	Pág.53
3.2 – Educação.....	Pág.54
3.3 – Comunidade.....	Pág.56
Conclusão.....	Pág.58
Bibliografia.....	Pág.61
Anexo I.....	Pág.62

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo analisar como se deu o processo colonização na África do Sul, para que seja possível observar melhor sob que fatores esta colonização influenciou o surgimento do regime do apartheid. Desta maneira, tentar descobrir se este apartheid continua influenciando de alguma forma a segregação racial, de forma mais velada, mesmo após sua extinção. Serão analisados ainda temas como comunidade, nação, pontos de abordagem do totalitarismo e os recursos utilizados pelo Estado para manter sua população sob intenso controle. Estes temas são relevantes, pois tentam encontrar uma explicação para as relações sociais. Com isso será possível analisar se estas questões tão importantes foram respeitadas na África do Sul antes, durante e depois do apartheid. E que papel teve o apartheid no sentido de destruir com as relações humanas de seu povo.

Este tema é muito relevante para o estudo das Relações Internacionais porque o apartheid não é um problema unicamente da África do Sul. Ele é um problema mundial que afeta várias nações, seja direta ou indiretamente. É através do conhecimento de como outros povos agiram frente a um problema tão grave, que poderemos nos preparar, caso tenhamos que enfrentar uma questão similar. É possível fazer com que nosso país aprenda cada vez mais, através da análise dos problemas enfrentados por outros países.

Os motivos que levaram a me interessar por este tema foram diversos. Trabalho na Embaixada da África do Sul desde 1997. O Apartheid foi abolido antes desta data, porém ingressei na Embaixada em um período de transição do governo baseado no Apartheid para um governo democrático.

Através da convivência com as duas administrações, brancos que faziam parte do apartheid e juntamente com os negros após o fim do regime, foi possível notar a diferença gritante entre as duas. Foi possível notar que a administração negra sul-africana se portava de maneira diferente frente a qualquer questão que poderia surgir. Insegurança, cautela, medo, desconfiança, arrogância, foram algumas das atitudes observadas na nova administração. Tudo isso me levou a questões como: será que o sentido de comunidade para os negros era diferente do que para os brancos? Por que tanto medo, tanta insegurança, tanta desconfiança disfarçados em prepotência, arrogância, em relação ao próximo? Se é tão evidente o problema que os negros sul-africanos têm em se relacionar com pessoas de

outros países, como seria o relacionamento dentro de seu próprio país, considerando que ainda existe uma gama muito grande de culturas completamente diferentes umas das outras na África do Sul? Como os negros sul-africanos viam questões como a construção de um governo democrático após o término do apartheid? E o mais importante: qual o papel no apartheid na destruição da capacidade dos negros sul-africanos em se relacionar com o próximo? Qual foi o papel da educação dispensada aos negros durante o apartheid, e como o regime utilizou deste tipo de educação para aumentar ainda mais a segregação? Quanto tempo seria necessário para que os efeitos do apartheid desaparecessem completamente da vida dos sul-africanos? Será que é possível esperar por uma integração total entre as raças na África do Sul?

Estas questões serão abordadas na monografia de acordo com a seguinte estrutura:

- No primeiro capítulo será analisado como se deu o processo de colonização na África do Sul. Porque os europeus vieram pra a África do Sul, como foi o primeiro contato os brancos colonizadores e os negros nativos, como se originou o problema racial que até os dias de hoje se mostra tão presente e como este problema racial se transformou em um regime separatista tão injusto como o apartheid.
- No segundo capítulo serão analisados teóricos que escreveram sobre temas como comunidade, nação, regimes separatistas. Serão abordados os mecanismos que o Estado tem para conseguir instaurar um regime de segregação como o apartheid, com a aprovação da população.
- No terceiro capítulo, serão utilizadas análises de filmes que falam sobre o tema apartheid. E ainda, tentar fazer uma correlação entre o que foi dito no primeiro capítulo e as teorias do segundo capítulo para assim tentar responder as questões levantadas nesta introdução. É evidente que o ideal teria sido tratar a partir da própria realidade, porém analisar as relações sociais sul-africanas somente observando a Embaixada da África do Sul em Brasília seria restringir muito o campo de análise. Desta forma, os filme se apresentam como uma forma mais abrangente para se fazer este tipo de estudo.

1- Um breve histórico da colonização sul-africana

Para dar início a este trabalho, é necessário fazer uma explanação sobre a história da África do Sul. Como o apartheid é um sistema político baseado na exclusão da maioria negra da população sul-africana, é necessário tentar descobrir de onde surgiu todo o conflito que até nos dias de hoje se mostra bastante evidente. Acredita-se que grande parte destes problemas - os quais serão discutidos ao longo deste texto - está diretamente relacionado, com a maneira como o país foi colonizado. Portanto, torna-se essencial analisar como se deu este processo de colonização.

Em primeiro lugar, serão mostrados quais eram os primeiros habitantes da região que hoje representa a África do Sul. Em seguida, como se deu o processo de colonização, como foi a chegada dos negros à região, e finalmente como se caracterizavam as estruturas políticas de cada sociedade (negros, holandeses e britânicos) naquela época.

1.1 - Os primeiros habitantes

A região do Cabo era ocupada por caçadores e pastores quando a ocupação holandesa começou. Os holandeses logo fizeram uma distinção entre ‘Hottentots’ e ‘Bushmen’. No final do século dezenove se tornou comum tratá-los como povos etnicamente, lingüisticamente e culturalmente diferentes. Porém, eram, na realidade, impressionantemente similares¹.

Os Bushmen eram fisicamente menores, e dependiam da caça para se manter, enquanto que os Hottentots eram identificados como pastores de gado e ovelhas. Ambos os grupos migraram para o sul. Os termos “Bushman” e “Hottentot” têm sido rejeitados por um grande número de estudiosos. Para colocar um fim nas confusões que criavam e para acabar com associações pejorativas eles preferem o nome ‘Khoikhoi’ para Hottentot e ‘San’ para Bushman.

Os San podem ser considerados um grupo pequeno, pois, nunca excederam 20.000 pessoas. Eles viviam em bandos pequenos de 20 a 200 pessoas. Eram altamente móveis - devido à prática da caça – e, pela mesma razão, eram dispersos territorialmente. Sua

¹ DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*. p78.

organização política era extremamente rudimentar. Os chefes, por exemplo, tinham importância ritual para fazer chover, e eram respeitados como líderes, porém não tinham autoridade institucional alguma.

Estudiosos se basearam na relativa similaridade entre a língua Khoikhoi e a língua San, para apresentar teses de que os Khoikhoi eram originalmente grupos de San que obtiveram gado enquanto viviam no norte, e em consequência adquiriram uma auto suficiência que possibilitou sua migração.

Por sua vez, os Khoikhoi eram, no máximo, 100.000 pessoas quando os holandeses chegaram. Tinham uma sociedade um pouco mais elaborada do que os San, e estavam distribuídos em clãs de 2500 pessoas. Antes da chegada do europeu, eles mantinham comércio de gado com seus vizinhos. Perderam sua identidade como um grupo cultural distinto e se misturaram com escravos e outros para formar o “Povo de Cor do Cabo”, quando foram derrotados em duas batalhas no século dezessete, e dizimados pela varíola em 1713 e 1755 ².

1.2 - A colonização

A “descoberta” da África do Sul remete ao ano de 1486, quando o português Bartolomeu Dias velejou em volta da ponta sul da África. Em 1487, Vasco da Gama fez o mesmo, chegando até a ancorar na baía de Sta. Helena, um pouco ao norte do Cabo. Durante o século XV, os portugueses tinham um comércio em expansão com a Índia e a China, porém a rota terrestre tomada pelos comerciantes de seda e especiarias era muito incerta. As caravanas eram freqüentemente roubadas e haviam muitas taxas cobradas durante a jornada que Portugal tinha que fazer para estabelecer uma rota direta para seu comércio³.

Porém, os portugueses não se estabeleceram no sul da África. Isso porque em 1510, Dom Francisco d’Almeida juntamente com sessenta e cinco homens, ancorou em Table Bay, onde atualmente se encontra a Cidade do Cabo, para se reabastecer com água, e foram massacrados por Khoikhois.

²DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*. Pp 89-92

³GINIEWSKI, Paul. *The two faces of Apartheid*. Chicago. P 187

Por mais um século o Cabo se manteve inabitado, até que em 1652 começa o primeiro estágio da colonização da África do Sul. Esta foi a data da chegada dos holandeses levados por razões econômicas. Em 1581 a união entre Portugal e Espanha levou a uma separação com os Países Baixos, e ao fechamento de Lisboa aos navios das províncias holandesas, que freqüentemente iam até lá para comprar grandes quantidades de especiarias para revender por toda a Europa. Para substituir este mercado e obter suprimentos de especiarias, os holandeses tiveram que navegar sem intermediação portuguesa pela passagem para o Oriente. Em 1602 fundaram a Dutch East India Company (Companhia Holandesa do Leste da Índia), a qual tinha o direito de estabelecer colônias, de fazer guerra ou paz, de navegar e de exercer direitos de soberania onde bem entendessem⁴.

Em abril de 1652 uma pequena frota comandada por Jan van Riebeeck ancorou em Table Bay. Sua missão era estabelecer uma estação de reabastecimento para navios na metade de sua longa jornada de dez meses entre Texel e Índia. Ali os navios poderiam encontrar água fresca, vegetais e carne. Essa missão não tinha qualquer intenção de colonizar a região. Assim que a missão tivesse terminado, voltariam para casa. Porém, a estação cresceu e ficava difícil para funcionários públicos cultivar vegetais, comprar dos nativos e revender para os navios que passavam. Para incentivar a produção, a companhia criou em 1657 “burgueses livres”, aos quais eram dados terras e pastagens. Os preços e padrões que deveriam ser mantidos por eles eram fixados pela companhia. Em 1688 já havia por volta de 600 burgueses que criaram vilarejos, e já se mostravam descontentes com a rigorosa maneira com que a companhia controlava seus negócios. Eles começaram a exigir direitos políticos e a pensar em migrar para longe de tal autoridade. Esta tendência de migração iria dominar toda a história da África do Sul. Grande parte dos problemas enfrentados no século XX na África do Sul, já se mostravam como um embrião durante o estabelecimento holandês⁵.

Quando os Khoikhoi não trouxeram gado suficiente para o Cabo, tornou-se essencial enviar expedições exploradoras ao interior para trazer de volta os Khoikhoi e seus rebanhos para os navios. Porém, os Khoikhoi não foram capazes de suprir a demanda crescente. Os holandeses tiveram então que começar sua própria criação: ocuparam terra para pastagem, e

⁴DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*. p 134

⁵VAN DER ROSS, R.E. *The rise and decline of apartheid: A study of political movements among the coloured people of South Africa*. P 216.

desta maneira realmente “descobriram” o país. A colonização se desenvolveu a partir deste momento, assim como os conflitos com os nativos. Emergiam questões como direito de atravessar o território, roubo de cargas, nas quais ambos os lados se mostravam culpados. Destes conflitos surgiu a necessidade de definir uma fronteira que separasse os colonizadores dos Khoikhoi. A separação foi feita através de uma cerca viva e da construção de três fortes chamados Kijck-uyt (Perigo), Keert de Koe (Pare a vaca) e Houd den Bul (Segure o touro). Porém a expansão comercial e populacional e o fluxo comercial, a necessidade de obter mais terras para as plantações e o aumento natural de homens e gado fizeram com que esta fronteira se tornasse ineficiente⁶.

Em 1685 uma onda de imigrantes franceses chega à África do Sul. A fronteira estava crescendo cada vez mais em direção ao interior do país. Os deslocamentos sucessivos da fronteira redefiniam os territórios de brancos e negros a cada novo avanço em direção ao interior.

Quando a Inglaterra conquistou a colônia holandesa do Cabo, os “Boers”(como são chamados os holandeses colonizadores) fugiram mais para o interior do país na grande migração de 1838. Eles fugiam das novas leis que os Ingleses estavam impondo a eles, tais como a abolição da escravidão - que os arruinou - e uma reforma que introduziu entre senhor e serviçal uma igualdade que era um escândalo a seus olhos⁷.

A fuga se deu para longe e acabaram se estabelecendo em Transvaal, no Orange Free State e em Natal. Os “Voortrekkers” (aqueles que vão em frente) fugiram com tanta obstinação que adquiriram, durante sua empreitada, as características de uma verdadeira nação. Esta era uma nação Afrikaner, com sua língua própria e seu desejo de ser independente tão enraizado que seria demonstrado durante a guerra Anglo-Boer no século dezenove.

O problema racial também nasceu com a criação da colônia. Havia muito poucos brancos, e a cada dia mais comida e gado eram necessários para os navios. Van Riebeeck nunca parou de pedir escravos para fazer o trabalho pesado. A necessidade de mão de obra era tão urgente que traziam escravos do leste e de regiões nos dois lados da África, dentro da primeira década de estabelecimento. O escravo não possuía direitos legais e, ao contrário

⁶ GINIEWSKI, Paul. *The two faces of Apartheid*. pp 35 – 39

⁷ GINIEWSKI, Paul. *The two faces of Apartheid*. Pp 41-42

dos escravos da América, quase não tinham chance de libertação através da conversão ao Cristianismo.

Ao fim deste período, a região do Cabo era uma sociedade composta por grupos desiguais e distintos, e os negros livres nunca foram numerosos ou fortes o suficiente para quebrar as barreiras.

1.3 - A chegada dos negros

Os negros são um grupo composto por várias tribos, como: Zulu, Sotho, Nguni, Tswana, Xhosa, Thembu, Mpondo, etc.

De acordo com a história contada pelos brancos sul-africanos, os negros chegaram como imigrantes na região do Transvaal na mesma época em que os brancos se fixavam em Table Bay. Através da obra de Paul Giniewski pode-se notar como era o pensamento dos brancos sul-africanos, como justificavam suas atitudes. O autor afirma no livro que a África do Sul não tem colonizadores. Os brancos têm raízes que datam de duzentos a trezentos anos no passado histórico daquele país. Não são oficiais ou comerciantes de outros países que no final de seus negócios voltariam para casa. Ele afirma que a maioria dos afrikaners de origem holandesa e os sul-africanos de cultura inglesa não têm mais lealdade para com o país de seus ancestrais ⁸.

Como foi dito anteriormente, Giniewski é um dos autores que afirmam que quando os brancos chegaram na região do Cabo, não havia nenhum negro. A população local era somente composta por tribos de San e de Khoikhoi. No mesmo momento em que o homem branco desembarcava no Cabo, os negros estavam cruzando o Limpopo, que forma a atual fronteira ao norte da República.

A África do Sul foi então simultaneamente ‘invadida’ pelo sul e pelo norte por dois grupos de imigrantes, que somente se encontrariam oitenta anos depois, quando em 1736 uma expedição de caça com onze brancos foi atacada por um grupo de Khosa, um dos grupos de negros. Seguindo esses dados, afirma que os dois grupos têm direitos similares de considerar a África do Sul como seu país. E mais, “os direitos legítimos dos brancos são também baseados em ‘moralidades históricas’”. Os brancos não somente chegaram durante o

⁸ GINIEWSKI, Paul. *The two faces of Apartheid*. Pp 87-88

mesmo período que os negros, mas também suas áreas do país foram muito melhor desenvolvidas do que aquelas áreas conquistadas pelos povos do norte”⁹.

Os San e os Khoikhoi são um exemplo disso. Acredita-se que eles vieram do que hoje é conhecido como a Somália, e foram forçados pouco a pouco, por pressão dos negros, a se mudar para o sul da África. Em sua marcha, as tribos de guerreiros negros massacraram e transformaram as tribos mais fracas em escravos. Quando os Voortrekkers chegaram na região do Transvaal encontraram grandes áreas onde os Zulus tinham destruído tudo¹⁰.

Apesar de todas estas afirmações, evidências arqueológicas sugerem que a chegada dos negros ao sul da região de Limpopo pode ter acontecido muito antes do que os etnologistas afirmam. Dotações a base de radio/carbono nos dão evidências da presença negra na região do Transvaal desde o século V d.C. A reconstrução dos padrões de migração dos negros sugere uma série de correntes e retrocessos, ao invés de um fluxo constante em uma mesma direção¹¹.

A penetração dos negros no sul da África parece ter ocorrido devido a um aumento de população, o que pode ter sido resultado de uma melhoria no controle do ambiente. A introdução de comidas mais nutritivas, barreiras naturais como o deserto de Kalahari, uma grande presença da mosca tse-tse na região ao norte de Limpopo, podem ter sido causas para a migração negra¹².

1.4 - Raça

Esta discussão sobre os grupos étnicos formadores do agrupamento sul-africano acaba caindo no termo ‘raça’. A autora Hannah Arendt observou em seu trabalho que a raça na África do Sul foi utilizada como princípio da estrutura política, ou seja, como mecanismo de organização política e de dominação dos povos. Quando os europeus brancos chegaram ao continente africano, depararam-se com seres humanos com formas e feições tão diversas das suas, que fizeram com que se sentissem assustados, ameaçados e

⁹ GINIEWSKI, Paul. *The two faces of Apartheid*.. P 98

¹⁰ GINIEWSKI, Paul. *The two faces of Apartheid*. p 110

¹¹ DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*. p 235

¹² DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*, p 135

humilhados. Os homens brancos europeus criaram a idéia de raça para tentar explicar a existência de seres humanos que ficavam à margem de sua compreensão ¹³.

A partir desta idéia, de que seres humanos de raça diferente seriam considerados como “selvagens”, os Bôeres, descendentes de colonos holandeses já quase esquecidos pela Europa, justificaram massacres terríveis na história do continente africano, com inclusive o total extermínio dos da tribo dos Hottentots, como já foi mostrado no primeiro capítulo ¹⁴.

Os Bôeres, que se mudaram para a África do Sul em meados do século XVII, eram em sua grande maioria aqueles rejeitados pela sociedade européia, expulsos de um mundo com valores sociais estabelecidos, ou seja, pessoas sem função e sem uso. Não acreditavam em nada. Quando lá chegaram, viram-se diante de um lugar onde não havia controle algum por parte de regras criadas pela sociedade como havia na Europa. Um lugar onde teriam possibilidades infinitas para crimes em nome da diversão ¹⁵.

Eles se depararam com seres humanos que não tinham objetivos para seu futuro, e nenhum passado que pudesse ser incorporado às suas realizações. Para homens brancos acostumados com a realidade da impessoalidade e das regras abstratas existentes na Europa, estas pessoas eram tão incompreensíveis que poderiam ser comparados a loucos. Observando os rituais completamente estranhos destas pessoas, era impossível para o homem branco admitir que os negros fossem humanos como eles. A diferença entre eles não estava somente na cor da pele, mas também no fato dos negros se portarem como se fossem parte da natureza. Eles pareciam tão integrados com a natureza que não tinham caráter humano. Desta maneira, quando os europeus os massacravam, não sentiam que estivessem cometendo um crime contra seres humanos. Este mundo era perfeito para aqueles que tinham fugido do controle social europeu ¹⁶.

Os Bôeres se desenvolveram devido ao solo de péssima qualidade, que somente servia para a criação de gado, e a numerosa população negra, que era organizada em forma de tribos nômades e que viviam da caça. Para resolver o problema da qualidade do solo, os Bôeres optaram pela pecuária, e a solução para a grande população negra foi a escravidão. Porém eles nunca conseguiram escravizar toda a população negra. Isso fez com que aquele

¹³ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 215

¹⁴ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* p 215

¹⁵ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* p 220

¹⁶ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* pp 221-223

susto inicial quando depararam com homens os quais não poderiam ser considerados como semelhantes sem que atingisse o orgulho e o senso de dignidade dos Bôeres, se transformasse em um medo profundo que justificou ideologicamente a escravidão. Esta foi a base para a sociedade racista¹⁷.

Neste caso, a escravidão foi uma forma de um povo europeu se ajustar a uma raça negra. Os Bôeres haviam perdido sua relação de camponeses com o solo e seu sentimento civilizado de solidariedade humana. Eles passaram a viver uma relação parasitária através da dominação das tribos nativas. Eles se tornaram deuses brancos de escravos negros. A população negra se tornou então a única parte da sociedade que realmente trabalhava. Os Bôeres ficaram completamente dependentes do trabalho alheio, e seu conceito de raça tomou um significado primordialmente econômico¹⁸.

Os Bôeres viviam dos escravos na mesma proporção que os nativos viviam às custas da natureza. Utilizando os negros apenas como uma forma de vida animal, os Bôeres se degeneraram num “grupo racial branco que vivia ao lado – em separação, mas em conjunto – com as raças negras”. Eles acreditavam que tinham sido um povo escolhido por Deus para a ociosa dominação de outra espécie¹⁹.

Portanto, o racismo foi utilizado como forma de dominação bem antes que o imperialismo o explorasse como idéia política²⁰.

Já a corrida colonialista para a África não foi feita por indivíduos solitários, parias da sociedade européia. Toda a Europa estava investindo fortemente na colonização. Quando estes colonizadores chegaram na África do Sul, encontraram os Bôeres vivendo como parasitas, através da dominação da raça negra. Os ingleses tentaram abolir a escravatura e impor limites às terras particulares. Estas atitudes fizeram com que a ociosa sociedade Bôer tivesse reações violentas. Eles escaparam das leis britânicas através da fuga para o interior do país, abandonando assim suas fazendas e seus lares. Estas migrações fizeram com que os Bôeres se agissem como uma tribo nômade, pois tinham perdido o apego europeu a um território²¹.

¹⁷ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* p 222

¹⁸ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* pp 223 – 224

¹⁹ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* pp 224 – 226

²⁰ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* p 225

²¹ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* pp 226 – 227

Por todos estes detalhes, Hannah Arendt chega à conclusão de que o racismo está intimamente ligado ao desprezo pelo trabalho, à rejeição dos limites das propriedades, ao desarraigamento geral e à fé na escolha divina do seu grupo²².

Os Afrikaners, que instituíram o regime do Apartheid, são os descendentes diretos dos Bôeres. Desta maneira, o regime instituído no século XX, ocorreu em decorrência do movimento expansionista europeu da época. A busca cada vez maior por regiões a serem colonizadas, fatalmente causaria este tipo de conflito, uma vez que ao se depararem com pessoas e estilos de vida diferentes dos seus, os europeus teriam que encontrar uma forma de se diferenciar e assim se sentir superior aos outros. E a forma escolhida foi a diferença entre as raças.

1.5 - Estruturas políticas na época da colonização

Neste tópico, será abordado um pouco das características das estruturas políticas das diferentes sociedades que habitavam a região da África do Sul no período da colonização. Desta forma, aprofunda-se na indicação de Arendt de que a raça serve como princípio de estruturação política.

1.5.1- Sociedades negras

Aqui é importante mostrar algumas características que são comuns para a maioria das tribos negras daquela época. Algumas tribos tiveram sucesso por um breve período de tempo, porém acabaram sucumbindo ao domínio branco.

A articulação de governo nestas sociedades africanas era bem diferente daquelas controladas pelos brancos, sejam holandeses ou ingleses. O tamanho podia variar tanto nas organizações políticas negras como nas brancas. Vários autores, como T.R.H. Davenport, já escreveram sobre ‘impérios’ como os Zulus e ‘reinos’ como os Swazi. Onde o grau de coesão era duvidoso existiam chefes das tribos.

A consangüinidade era a base para estas sociedades. O homem se via, em um primeiro momento, como membro de uma linhagem, que consistia de sua família, seus parentes e seus antepassados. Além disso, ele se via como membro de um grupo – um clã na sociedade Nguni, composto por pessoas supostamente relacionadas a ele. Normalmente

²² ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 227

compartilhavam um item adorado, como o totem para os Sotho e Tswana. Ser membro de um grupo desses pode ser muito valioso. Por se encontrarem espalhados por muitas tribos, pode haver hospitalidade durante uma viagem longa.

A organização do governo local no século dezenove era feita em distritos, sob a supervisão de subchefes ou capatazes, os quais normalmente eram cargos hereditários, como os Nguni. Porém, há evidências de que durante o final do século dezenove a concentração de linhagens nas cidades estava começando a desaparecer. Estes oficiais foram aos poucos sendo substituídos por outros com linhagem real. Havia uma tendência para o crescimento do domínio de lordes, e de seu governo ficar cada vez mais formalizado como resultado das influências européias e do crescimento da alfabetização entre os conselheiros do chefe²³.

O chefe era o ‘pai’ do seu povo. Esperava-se que governasse com sabedoria, consciência e generosidade. Ele era o juiz de condutas erradas, fazia as leis, era o líder nas guerras, o distribuidor de terras, o provedor universal do rebanho real na época de necessidades. De acordo com os Zulus, ele era “o seio da nação”. Ele poderia ser o organizador da caçada, controlador do trabalho, e fazia também o ritual da chuva. O chefe era tão importante que era comum haver rituais para aumentar o poder da monarquia.

Durante o regime do apartheid estas tribos ficaram separadas do sistema. Não tinham nenhum tipo de apoio e continuaram vivendo segundo suas próprias regras. Porém, o seu acesso a áreas controladas pelo regime era impedida. Pelo fato de não terem nenhum tipo de educação formal, somente encontrariam empregos como empregados domésticos, como era o caso dos negros que viviam nestas áreas. Nos dias atuais, as tribos negras contam com um grande apoio por parte do governo que deseja preservar toda a diversidade de culturas existentes no país.

1.5.2 - República bôer (holandeses)

Com o passar dos anos, a república se tornou o ponto principal de aspiração política dos afrikaners, como um símbolo de independência do grupo. Durante a ‘grande migração’, muito se foi cogitado a respeito de quais formas constitucionais melhor refletiriam os costumes bôeres e garantiriam sua segurança. A democracia direta da fronteira

²³ DAVENPORT, T.R.H. South Africa: A modern History. p 167

gradualmente deu lugar a sistemas políticos articulados. A guerra anglo-boer acabou com o republicanismo afrikaner, que foi substituído por um sistema governamental essencialmente britânico, no período de 1906 a 1960. Com a fundação da República da África do Sul em 1961, foi preservada a substância do constitucionalismo britânico sob formas republicanas. Porém, foram restauradas duas coisas que realmente importavam para os afrikaners: a figura do presidente, e a completa independência de Londres.

A República de Natal foi o primeiro Estado bôer propriamente dito, e se tornou por cinco anos à base principal para a migração. Sua constituição de 1839 tinha o princípio da democracia representativa, governado por um *Raad van Representanten van het Volk*, um grupo de 24 homens com idades entre 24 e 60 anos, eleitos anualmente pelos votos de homens brancos e adultos.

Embora o princípio da representação tenha sido adotado, e o Raad tinha autoridade para decidir em assuntos como guerra e paz, a distribuição de terras, a proteção da Igreja Holandesa, assim como assuntos controversos, ainda ficavam reservados a debate público, possibilitando à maioria dos eleitores presentes em uma reunião pública, atar as mãos do Raad²⁴.

O regime do apartheid foi um passo a frente neste sistema. Foi uma forma de tornar legal o regime racista que foi herdado pelos afrikaners de sua origem bôer. Durante o regime este sistema foi ampliado com leis que separavam áreas residenciais para brancos e para negros, leis que impediam o casamento entre pessoas de raças diferentes, e ainda várias outras leis que serão abordadas mais à frente neste capítulo.

1.5.3 - Colônias britânicas

A região do Cabo em 1850 era dominada por um caráter urbano inglês, mercantil e profissional. Nas grandes cidades, a língua de comunicação pública era o inglês, o qual adquiriu uma proteção especial na constituição de 1853. Nas áreas rurais, as leis eram promulgadas em inglês e em holandês, mas o afrikaans coloquial tinha sido durante anos a língua de comunicação entre os fazendeiros brancos e seus serviçais negros. Muitas das fazendas foram adquiridas pelos ingleses visando o lucro que a lã poderia trazer. A cultura holandesa passou por um período improdutivo à medida que o inglês era cada vez mais

²⁴ DAVENPORT, T.R.H. South Africa: A modern History. P 178

usado em negócios públicos, educação e algumas vezes inclusive durante os trabalhos da Igreja Holandesa.

O progresso do Cabo em direção ao seu autogoverno tomou um rumo similar ao das colônias britânicas em todo o mundo. Como no Canadá, um governador com poder arbitrário substituiu as regras militares da era de conquistas. Como no País de Gales, um governador era providenciado por um Conselho de oficiais, cujo conselho ele poderia ignorar, mas não sem explicação ao Secretario de Estado.

Após a chegada de colonos em 1820, que traziam consigo alguma excitação política da Grã-Bretanha pós-napoleônica, o governo do Cabo foi pressionado por um pequeno grupo de radicais democratas, que fez uma campanha bem sucedida para a liberdade de imprensa e por alguma medida de representação política. O governo se rendeu às pressões em 1827. Em 1834 foi criado um novo Conselho Legislativo, mas o corpo não poderia ser eleito, e tinha poucas chances de tomar decisões.

Após difíceis negociações, uma constituição foi adotada em 1853, com a aprovação do Secretário de Estado. Esta constituição tentou satisfazer o interesse tanto do lado oriental como do ocidental da região do Cabo, e ao mesmo tempo dar um pouco de poder aos negros nativos²⁵.

Com base nas explanações anteriores, pode-se concluir que estas três estruturas políticas foram fundamentais para a instauração do regime do apartheid na África do Sul. Pode-se notar que as sociedades negras existentes na época viviam de maneira arcaica, integradas à natureza, sem um governo ou uma história formal, e também sem uma perspectiva de futuro estruturada. Por estes motivos, foi muito fácil serem escravizados pelos bôeres, quando estes chegaram ao continente africano. Já os ingleses trouxeram as regras européias, o constitucionalismo britânico que continuou existindo de forma republicana após a fundação da República da África do Sul em 1961. Portanto, o apartheid utilizou cada uma destas estruturas políticas para se instalar e se manter durante tanto tempo.

1.6 – Geoffrey Cronjé

Uma das questões que se levanta ao se estudar a África do Sul contemporânea, é a justificativa moral/filosófica para a instauração do regime do apartheid. Pode-se encontrar

²⁵ DAVENPORT, T.R.H. South Africa: A modern History. p 186 .

uma fundamentação na obra de Geoffrey Cronjé, que é considerado como um dos mentores intelectuais do apartheid. Ele nasceu na Província do Cabo em 1907, se formou pela Universidade de Stellenbosh em 1929. Fez doutorado em sociologia e criminologia na Universidade de Amsterdã. Após seu retorno para a África do Sul, se tornou professor de sociologia na Universidade de Pretória em 1936, onde ficou até sua aposentadoria. Como ativista político ajudou a fundar o Bureau Estudantil Nacional Afrikaaner²⁶.

Cronjé foi um dos autores que mais contribuiu para a disseminação da teoria do apartheid entre os radicais nacionalistas afrikaners. Ele tratava o tema de maneira bem obsessiva. De seus livros publicados, os quatro mais importantes para a teoria do Apartheid foram: *'n Tuiste vir nageslag* – Um lar para a prosperidade - (1945), *Africa sonder die Asiaat* (1946), *Regverdige rasse-apartheid* – Separação racial justificável (1947) e *Voogdyskap en apartheid* – Proteção e apartheid (1948). Em todos estes livros, Cronjé tentou fazer uma avaliação sociologia da “problemática racial” na África do Sul. Ele se declara inimigo da “mistura de raças”. Afirma que os “cavaleiros do apartheid” têm por obrigação impedir esta mistura²⁷.

Cronjé elaborou, juntamente com colegas (jovens afrikaners, educados e ambiciosos), uma doutrina a qual chamou de *Afrikanervolk*, uma comunidade militante da raça branca. Seus integrantes vieram de uma pequena burguesia Afrikaner que acreditava que, por causa de sua educação, seria inaceitável praticar trabalhos braçais. Para eles as únicas formas de trabalho seriam a lei, a igreja, educação e os níveis da burocracia.²⁸

Em seus livros, Cronjé defende a “pureza” do sangue afrikaner. Ele acredita que a mulher afrikaner consegue manter seu sangue puro se escolher somente homens afrikaners para ter relações sexuais. Contudo, ele não diz que os homens afrikaners também têm esta obrigação de somente escolher mulheres afrikaners para ter relações. Para ele, os homens afrikaners que têm relações com mulheres de sangue impuro podem gerar um “bastardo”, o qual automaticamente seria colocado em uma população de bastardos. Porém, quando uma mulher afrikaner tem relações sexuais com um homem de sangue impuro, será uma “víbora” sendo criada no seio do *Afrikanervolk*. Para Cronjé a criança pega a classificação racial da mãe. Mulheres bastardas têm filhos bastardos que automaticamente caem na

²⁶ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé* . Social Dynamics 17. P 01.

²⁷ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé* . Social Dynamics 17 p 02 .

²⁸ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé* . Social Dynamics 17 p 05

categoria de bastardos. Já mulheres afrikaners com sangue puro dão à luz a crianças afrikaners; se eles são bastardos biológicos, eles são bastardos secretos e traiçoeiros, enfraquecendo assim a força da nação. Isso tornaria ainda mais difícil a identificação destes bastardos secretos, fazendo com que as mulheres afrikaners não soubessem se estariam se relacionando com um deles. Com isso os descendentes brancos poderiam vir a desaparecer por completo. Para ele, ser uma pessoa “de cor” é levar uma vida deplorável, a consciência que não é branca é intrinsecamente uma consciência infeliz²⁹.

Em alguns momentos, Cronjé se refere à raça branca como sendo parte da criação divina, e que a diversidade racial do planeta deve ser protegida da “bastardização”. Uma mistura das raças não seria considerada natural. Ele dá inclusive um exemplo: a monotonia da música africana sugere que os africanos têm uma predisposição musical diferente dos ocidentais, e que provavelmente se encaixam melhor para fazer trabalhos repetitivos com um ritmo monótono³⁰.

Cronjé diz que o nascimento do conceito do apartheid coincide com a das diversas raças européias durante a colonização em uma única raça: os bôer (Holandeses, Alemães e Franceses). Essa raça seria uma sub-raça com uma pele mais escura do que os nórdicos. Isso foi necessário para fazer com que os bôeres pudessem suportar o sol africano, diferente dos nórdicos. Ele afirma que a mistura de sangue representa o maior perigo para a raça européia na África do Sul³¹.

Com o apoio de Cronjé, o governo da África do Sul criou uma comissão de casamentos inter raciais, a qual ficaria encarregada de descobrir este tipo de casamento que produziria pessoas que poderiam passar facilmente por europeus, ou seja, bastardos que poderiam tentar encontrar um lugar na comunidade branca, o que levaria os genes não brancos para futuras gerações. Ele afirma que biologicamente os bastardos são um “material humano inferior”. Pesquisadores médicos de Johannesburgo descobriram anomalias físicas entre os “bastardos”. Pelo fato dos bastardos não serem nem negros nem brancos, sua atitude em relação aos brancos, em particular aos afrikaners, é negativa e hostil. Os bastardos são, portanto, infelizes e gostariam de ser brancos, segundo Cronjé. Sua única salvação seria um casamento dentro da comunidade bastarda. Desta maneira, nas

²⁹ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé*. Social Dynamics 17 p 10

³⁰ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé*. Social Dynamics 17 p 12

³¹ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé*. Social Dynamics 17 p 13

futuras gerações sua “desarmonia biológica” seria eliminada, adquirindo características raciais únicas. A comissão então recomendou uma legislação que banisse os casamentos inter raciais. Porém, Cronjé sabia que somente leis não poderiam mudar as causas sociais mais profundas da mistura de sangue. Esta mistura é um processo social causado por condições específicas. Até que estas condições fossem plenamente entendidas, não seria possível chegar a uma política cientificamente fundamentada para combater esta mistura³².

Ele ainda afirma que o capitalismo e o imperialismo britânico empobreceram muitos afrikaners fazendo com que esta raça ficasse mais fraca ainda, pois os mais pobres perderiam o respeito e o orgulho de sua própria raça. Teriam até que morar em regiões mais pobres juntamente com outras raças mais pobres. Para ele, os brancos que vivessem em áreas misturadas com outras raças, perderiam seus vínculos com o *afrikanervolk*, portanto, este tipo de áreas residenciais deveriam ser abolidas, pois seriam o “túmulos” para a raça branca e um lugar propício para a disseminação de bastardos. Ele cita o caso de brancos trabalhando em uma padaria de propriedade de um indiano. Para aqueles que trabalham há muito tempo, sua situação racial não é de maneira nenhuma especial. Somente o funcionário mais novo se sentiria envergonhado. Porém, depois de um certo tempo até aquele funcionário passaria a não ver nada de especial em sua raça³³.

Cronjé indica em sua obra, a segregação residencial, segregação de trabalho e a total segregação, insistindo inclusive que os imigrantes que pudessem vir a morar na África do Sul fossem inspecionados para descobrir se eram de “sangue puro”³⁴.

O mesmo autor diz que é dever do homem branco agir como guardião dos africanos. O homem branco é apto para tal tarefa por três motivos: 1) ele tem um maior nível de desenvolvimento; 2) ele é detentor da fé cristã; e 3) ele tem a posição de poder. Para ele, os africanos ainda estão em um estágio cultural equivalente à infância, enquanto que os brancos já atingiram a maioridade. Levariam várias gerações até que os africanos atingissem o nível de maioridade necessária para que pudessem cuidar de seus próprios negócios. Portanto o homem branco tem a responsabilidade de garantir tanto a identidade branca como a identidade biológica e cultural dos negros³⁵.

³² COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé*. Social Dynamics 17, p 13

³³ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé*. Social Dynamics 17, p 20

³⁴ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé*. Social Dynamics 17, p 25

³⁵ COETZEE, J.M. *The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé*. Social Dynamics 17, p 28

A questão da educação na África do Sul será trabalhada de maneira mais profunda no terceiro capítulo desta monografia, onde será mostrado que ela foi usada pelo regime do apartheid como um instrumento ideológico de Estado para moldar os sul-africanos na forma de maior interesse ao regime.

1.7 – O nascimento do apartheid

A noção do apartheid se originou por volta de 1930, entre intelectuais afrikaners que queriam uma separação completa entre as raças, e fundaram o *Suid-Afrikaanse Bond vir Rassestudie* (Liga sul africana para estudos raciais) em 1935. Durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto a integração racial estava se dinamizando, os intelectuais nacionalistas trabalharam bastante tentando solucionar este “problema”. Pensadores como o Professor G. A Cronjé (analisado no item anterior), ajudou a criar o clima intelectual para a fundação do Departamento sul-africano para assuntos raciais, em 1948. Enquanto isso, visando as eleições gerais, o Partido Nacional nomeava um comitê sob a supervisão de P.O. Sauer para fazer um esboço de uma política apartheid. O Relatório Sauer converteu o conceito do apartheid em um programa político, porém muito ainda tinha que ser acrescentado³⁶.

O resultado desta política pode ser resumido em uma única palavra: segregação. Nesta época, havia relações entre brancos e negros com uma inegável identidade de cultura, profundos sentimentos morais e históricos de responsabilidade. Mas também havia outros fatores. Havia preconceito, aversão e medo. Assim como havia estes sentimentos dos brancos para com os negros, o mesmo ocorria dos negros em relação aos brancos. Porém, isso é menos notado. É o grupo dominante que tem o poder de expressar seu preconceito em formas como legislação, tratamento discriminatório, exclusão ou humilhação. O grupo menos poderoso não tem recursos para usar estes tipos de técnicas. Em casos de extrema provocação ele pode recorrer a violência, o que não havia ocorrido ainda neste período, embora houvesse ameaças³⁷.

Em práticas discriminatórias, o grupo dominante é motivado por fatores conscientes e inconscientes. Conscientemente, ele se refere ao grupo mais fraco como incompetente, inferior e inaceitável ou inadmissível. Para justificar racionalmente este tipo de visão, o

³⁶ COETZEE, J.M. The mind of apartheid: Geoffrey Cronjé . *Social Dynamics* 17, p 230

³⁷ VAN DER ROSS, R.E. *The rise and decline of apartheid: A study of political movements among the coloured people of South Africa*. pp 154-155

grupo usa fenômenos sociais como realizações pobres, pobreza ou crime. Há também as associações entre características reais ou imaginárias, especialmente se elas forem físicas ou visíveis. Um grupo dominante branco pode considerar feições (pele negra e cabelos enrolados) como repugnantes ou como algo a ser evitado.

Impregnando todas estas atitudes está o medo. O medo causa preconceito, e o preconceito causa mais medo ainda. Os brancos, dominantes na África do Sul, têm medo dos negros. Eles têm medo por causa do número de negros no país, que é 15 vezes maior que o dos brancos³⁸. No terceiro capítulo, será possível ter uma idéia melhor disso, quando for analisados alguns filmes que representam a visão que o estrangeiro tem do regime do apartheid.

Como a história e a escravidão não permitiriam uma completa separação e a negação dos direitos políticos, a saída foi adotar a segregação, a qual permitiria uma convivência sem que na realidade as duas raças estivessem juntas, ou seja, um estado peculiar de separação sem fronteiras definidas.

A segregação não era um conceito novo na África do Sul. Ao contrário, ela tem sido uma constante desde o início, e o conceito chave para os assuntos internos da África do Sul. Por exemplo, na região do Transvaal, um tipo de segregação residencial foi legalmente instalado desde 1871, e conselhos municipais tiveram o poder de designar áreas residenciais para negros desde 1926. Na África do Sul todo movimento político de significância, toda regra política ou questão de liderança, foram centrados na segregação.

A primeira indicação de uma intenção séria do governo em aplicar uma política de segregação para com a população negra, veio do General Smuts, que posteriormente foi Primeiro Ministro, quando ele falou durante uma reunião de um partido político em 1938. Neste discurso ele chamou de indesejável uma mistura entre residências de brancos e negros, e que já havia sido votado uma quantia de 30 milhões de Rands para acabar com esta mistura. O General acreditava que a segregação residencial seria a solução para os problemas³⁹.

³⁸ VAN DER ROSS, R.E. *The rise and decline of apartheid: A study of political movements among the coloured people of South Africa* pp 148 – 149

³⁹ VAN DER ROSS, R.E. *The rise and decline of apartheid: A study of political movements among the coloured people of South Africa* p 154

A partir desta declaração, várias outras decisões vieram para levar a cabo a segregação: O Ato para Áreas de Grupo, O Ato para Registro da População, o Ato para Separação de Representação de Votantes, etc ⁴⁰.

O novo governo mostrou desde o início sua intenção de checar e eliminar a tendência de integração inter-racial. Foram então criadas legislações para estabelecer categorias biológicas distintas entre os grupos da população, e também legislações para prevenir mistura residencial, depois de feita a separação biológica. O Ato de Proibição de Casamentos Inter-raciais de 1949 tornou ilegais todos os futuros casamentos entre brancos e membros de outros grupos. Em seguida, o Ato para Registro da População de 1950, foi designado para distribuir todos em grupos raciais. O Ato de Imoralidade foi endurecido para fazer com que relações extras conjugais fossem consideradas uma ofensa mais séria caso cruzassem a fronteira racial. Mais tarde, os membros de todas as raças tiveram que carregar documentos de identifições nos quais era claramente mencionado a que raça pertenciam. Isto tornou a identificação mais precisa, pois os oficiais não precisariam mais depender somente da identificação visual. A Carta para Áreas de Grupo, de 1950, deu poder ao Governo para proclamar áreas residenciais e comerciais para grupos raciais em particular⁴¹. As comunidades indianas e negras foram colocadas sob tremenda pressão. Várias petições feitas por brancos foram enviadas ao governo, pedindo a restrição da entrada de indianos e negros em áreas residenciais ocupadas por brancos, alegando que desta maneira o valor de suas propriedades seria depreciado⁴².

O novo governo começou também a dismantelar as estruturas políticas criadas pelo regime do United Party para cuidar dos africanos, asiáticos e negros. Em 1951, o governo aboliu o Conselho Representativo Nativo, o qual persistiu em sua recusa de fazer negócios com os Nacionalistas. Os nacionalistas queriam remover do Parlamento os votantes negros da região do Cabo. Porém, em 1950, foi decidido criar uma legislação que colocasse os eleitores negros em um rol separado, com poder de eleger quatro membros para a Assembléia, um para o Senado, e dois para o Conselho da Província do Cabo⁴³. Um grupo de eleitores negros contestou a legislação. Por sua vez, os nacionalistas também

⁴⁰ VAN DER ROSS, R.E. *The rise and decline of apartheid: A study of political movements among the coloured people of South Africa*, p 156 .

⁴¹ DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*. pp 255 – 256

⁴² DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*. p 257

⁴³ DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*.p 256

contestaram a legislação: não queriam que houvesse nenhum votante negro no Parlamento⁴⁴.

Os nacionalistas venceram as eleições gerais de 1953 com uma grande maioria de votos. Todos os membros do antigo governo que desejavam uma cidadania comum para todos, independente da raça, foram retirados das reuniões. O governo alegou que sua eleição pela grande maioria os habilitara a ir em frente com medidas legais contra os grupos étnicos não brancos. Sob a governança dos nacionalistas, estes grupos sentiram que seus interesses seriam atacados. Frente a tal pressão, doze líderes africanos, metade dos quais havia pertencido ao Conselho Representativo, encontraram-se e emitiram um ‘Chamado para a Unidade Africana’⁴⁵.

Como foi visto ao longo deste capítulo, o grupo que forma o povo da África do Sul é marcado, desde a origem, por separações e distinções. O regime do apartheid se baseou justamente nestas separações para se tornar um governo legal. Por isso, é fundamental entender qual o sentimento de identidade que une a população sul-africana e a liga como um ente moral em nação e comunidade. É exatamente este ponto que será abordado no próximo capítulo.

⁴⁴ DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History.*, p 257

⁴⁵ *Ibidem.* P 257

2 – Análise teórica para Nação, Comunidade e outros conceitos

No primeiro capítulo foi feito um apanhado geral do processo de colonização da África do Sul. No presente capítulo são abordados alguns conceitos que são essenciais para a compreensão de como os grupos se organizam. Para tal, serão adotados três autores que ajudarão a analisar teoricamente como a África do Sul atual lida com a construção e manutenção destes conceitos. Será usado o autor Eric J. Hobsbawm para estudar o que se entende por nação e nacionalismo, e para dar consistência a esta análise será utilizada também a autora Hannah Arendt, que escreveu trabalhos no campo do totalitarismo. Já para analisar o termo comunidade o foco será centrado em Zygmunt Bauman.

Acredita-se que a análise destes dois termos, nação e comunidade, seja essencial para a construção deste trabalho e vai proporcionar, mais à frente, a possibilidade de se fazer um cruzamento entre o processo de colonização da África do Sul, a instalação do apartheid e as teorias, para que se possa ver com olhos mais objetivos a África do Sul atualmente, e ser capaz de identificar os efeitos, a longo prazo, que o apartheid teve naquela sociedade.

2.1 - Nação

O verbete “nação”, no *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*, mostra que este tipo de organização social – política somente foi difundida a partir do século XIX. Antes disso, as pessoas faziam parte de agrupamentos baseados em parentesco, organizações locais, súditos de dinastias, etc. O processo de transformação do trabalho agrário em trabalho industrial fez com que as pessoas tivessem que se comunicar constantemente com inúmeros estranhos, fazendo com que fosse necessário que as pessoas tivessem uma alfabetização quase universal e uma boa proporção de educação formal. Somente com esta educação as pessoas poderiam ter acesso maior à sociedade. Portanto, tornou-se essencial para que houvesse uma identidade nacional, a existência de uma cultura comum a todos e padronizada baseada na educação. Por isso, os seres humanos se identificam com sua cultura, e passa a ser dever do Estado proteger e manter esta cultura.

Começa então a surgir uma preocupação em encontrar uma identidade ‘nacional’, e é a partir deste ponto que começa a surgir o termo nação⁴⁶.

Na análise de Hobsbawm, o termo nação é historicamente bem recente, e extremamente difícil de ser conceituado, justamente porque ele foi mudando durante o tempo, adaptando-se a princípios como a nacionalidade. Toda vez que algum problema grande surgia, como as duas grandes guerras, tornava-se evidente a necessidade de se rever o conceito de nação. A literatura sobre o assunto foi aumentando com o tempo e vários teóricos deixaram a sua contribuição no sentido de definir o termo nação. Pode-se dizer que nação é qualquer grupo de pessoas cujos membros se consideram como parte de uma nação⁴⁷.

Várias definições foram feitas durante os anos, porém um erro sempre foi feito: para pertencer a uma nação ou nacionalidade não envolve, de maneira alguma, consciência ou escolha. Não se tem como escolher a que nação a qual pertencer⁴⁸.

Hobsbawm afirma que a nação não pode ser considerada como originária e imutável. Ela somente faz sentido se estiver relacionada com um Estado territorial moderno, ou seja, o Estado – nação. O que forma uma nação são os Estados e o nacionalismo⁴⁹.

No sentido moderno do termo nação, o autor define como “um Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum, e também, o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo”. O termo nação foi se desenvolvendo para destacar o território de origem. Porém alguns grupos, como os holandeses, faziam questão de destacar a descendência comum, pendendo para o lado da etnia⁵⁰.

Hobsbawm enumera ainda as características básicas de uma nação eram: território, língua, etnia. E os três critérios que dão a um povo a classificação de nação: 1) Associação da nação a um Estado já existente por meio da história. 2) Necessidade da existência de

⁴⁶ GELLNER, Ernest. Nação in OUTHWAITE, William. *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. pp 507 – 508

⁴⁷ HOBBSAWM, Eric J.. *Nações e nacionalismo desde 1780*. pp 12,13, 14-18

⁴⁸ HOBBSAWM, Eric J.. *Nações e nacionalismo desde 1780*., p 17

⁴⁹ HOBBSAWM, Eric J.. *Nações e nacionalismo desde 1780*. p 19 .

⁵⁰ HOBBSAWM, Eric J.. *Nações e nacionalismo desde 1780*. pp 27 – 29

uma elite cultural estabelecida por um longo período. 3) A nação deveria comprovar que era capaz de conquistar⁵¹.

2.2 - Comunidade

Como foi dito no início do capítulo, será utilizada a obra de Zygmunt Bauman para tentar explicar o que significa ‘comunidade’. Porém, antes de entrar na análise de Bauman, é importante verificar o verbete ‘comunidade’ do *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. O conceito de comunidade, embora seja muito utilizado, é mais um conceito evasivo e de difícil definição. Isso se dá pelo fato de haver uma quantidade muito grande de sentidos atribuída à palavra e às conotações emotivas que o termo evoca. Geralmente, pode-se dizer que comunidade pode ser um grupo de pessoas dentro de um determinado espaço geográfico, que tem instituições comuns e um senso de integração e interdependência. Um estado de espírito, um sentimento de comunidade, mantém a comunidade unida, não sua estrutura. Vários autores tentaram definir ‘comunidade’. Dentre eles, é importante citar o teórico Ferdinand Tönnies, um dos mais significativos, que descrevia a comunidade como sendo integrada, pré-industrial, em pequena escala, e que era baseada em laços de parentesco, amizade e vizinhança. Ele dizia ainda que ‘comunidade’ era diferente de ‘associação’, a qual simbolizaria os laços impessoais, anônimos, contratuais e amorais da sociedade industrial moderna. Outro autor importante, Raymond Williams, mostra que o termo comunidade parece nunca ser utilizado de forma desfavorável, diferentemente de outros termos que indicam organização social, como nação, estado, etc⁵².

Já segundo a análise de Bauman, inicialmente pode-se dizer que a palavra comunidade traz vários significados que prometem prazer. Por este motivo a palavra comunidade faz com que sintamos sensações boas. Significados como a comunidade sendo um lugar confortável e aconchegante, um lugar onde estaremos protegidos de todo tipo de perigos que nos rondam lá fora. E a sensação de aconchego e estabilidade é, justamente, o que a autoridade política deseja para manter a população obediente. Todos os que fazem

⁵¹ HOBBSBAWM, Eric J.. *Nações e nacionalismo desde 1780*.p 49

⁵² SHORE, Cris. *Comunidade*, em: OUTHWAITE, William (org). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. pp 115 – 116

parte de uma comunidade se entendem bem, se querem bem, não há estranhos entre seus membros. Todos os membros estão unidos em um único propósito: o de tornar o convívio o mais agradável possível. Pode haver discordância, mas as discussões para tentar resolvê-las serão sempre amigáveis⁵³.

Dentro da comunidade podemos contar uns com os outros. Podemos sempre contar com a ajuda dos outros membros quando tivermos necessidade. Teremos sempre quem nos ouça e nos aconselhe. Se errarmos, poderemos nos explicar e teremos o perdão dos outros. Nosso dever é ajudar uns aos outros, e temos também o direito de obter ajuda dos outros quando precisarmos⁵⁴.

Com todos estes significados “saudáveis”, e muitos outros que não foram citados, pode-se entender porque a palavra comunidade traz uma sensação boa. Com tantos problemas ocorrendo no mundo, no país, na cidade, no bairro, quem não gostaria de ter um lugar onde pudesse ter certeza de estar entre pessoas amigáveis nas quais podemos sempre confiar e que irão sempre nos apoiar? A palavra comunidade dá tudo aquilo que sente-se falta e o que se precisa para viver seguros e confiantes⁵⁵.

Porém todo este sentido prazeroso que a palavra comunidade traz é um mundo que não está a nosso alcance. Pode-se dizer que a “comunidade” está em nossas pretensões, sempre no futuro. Um paraíso perdido ao qual deseja-se tanto voltar. Este paraíso só existe na imaginação, onde pode-se imaginá-la da maneira que quisermos, com total impunidade, justamente porque não se pode torná-la realidade. A comunidade imaginada difere da cruel realidade em que vivemos. Pode-se ver a diferença entre a comunidade que sonhamos e aquela que realmente existe: uma comunidade que quer ser aquela sonhada exige lealdade total por parte de seus membros, e tudo o que ficar de fora desta lealdade é tratado como traição, sem direito a perdão. É preciso ser completamente obediente a ela para que possa receber os serviços que ela se propõe a prestar. Se a pessoa quer a segurança da comunidade, é necessário que, em primeiro lugar, abra mão de sua própria liberdade⁵⁶.

Este conceito é extremamente útil para este trabalho. Como foi visto no capítulo 1, a comunidade sul africana foi praticamente deteriorada em benefício do regime racista do

⁵³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. pp 07-08 .

⁵⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p 08

⁵⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p 08

⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p 08

apartheid. Por causa disso, os negros perderam a liberdade de transitar livremente pelas cidades, e inclusive de residir em áreas comuns aos brancos. A liberdade dos negros sul-africanos ficava restrita a certas áreas determinadas pelo governo racista. Diferentemente dos brancos sul-africanos que tinham total liberdade. No próximo capítulo, a teoria da comunidade será aprofundada na tentativa de mostrar que ela não se adapta ao contexto sul-africano por causa do apartheid. Pois, como uma nação pode ter diferentes tipos de liberdades para seus habitantes, estipulando cidadão de 1ª e 2ª categorias?

Esta liberdade é o preço que tem que ser pago para se ter o privilégio de participar da comunidade. Dentro desta liberdade estão a autonomia, o direito a auto-afirmação e a identidade. Não ter comunidade é não ter proteção. Participar da comunidade significa abrir mão da liberdade. Porém, deseja-se a segurança e a liberdade de maneira igual. Infelizmente, é impossível ter uma equiparação entre as duas. Para sermos humanos, é necessário ter liberdade e segurança, mas não podemos ter as duas e na quantidade que queremos. É impossível encontrar em qualquer comunidade os prazeres que imaginamos em nossos sonhos. É provável que os problemas existentes entre segurança e liberdade (comunidade e individualidade) nunca serão resolvidos, mas isso não impedirá que continuemos a buscar esta resolução⁵⁷.

Para se ter segurança é primeiro necessário que se abra mão da liberdade, porém para se ter mais liberdade, é necessário que se tenha segurança. Segurança sem liberdade é o mesmo que escravidão, e liberdade sem segurança é como estar perdido, abandonado⁵⁸.

De acordo com mitos dos antigos gregos, só é possível manter a felicidade dentro da comunidade enquanto se mantiver sua inocência, ou seja, enquanto for ignorada a natureza das coisas que o fazem feliz. Caso se tente tomar a natureza das coisas em suas próprias mãos, não se poderá mais aproveitar da felicidade proporcionada pela comunidade que somente poderia ser vivida no estado de inocência. Uma vez perdida a inocência, perde-se a felicidade primitiva de maneira irremediável. Só se pode ser inteiramente feliz se não tivermos a idéia de quanto felizes somos⁵⁹.

Na época da transição da sociedade agrária para a sociedade industrial, o teórico Ferdinand Tönnies afirmou que o que diferenciava a comunidade antiga da sociedade

⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.*, p 09

⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.* p 24

⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.* pp 14 – 15

industrial em ascensão, era um entendimento compartilhado por todos os seus membros. Não era necessário procurar este entendimento, e nem mesmo construí-lo. Ele já se encontra pronto para ser usado. A comunidade se baseia em um entendimento que não necessita de acordos. Ele é o ponto de partida de toda a união, a vontade própria das pessoas que se unem. É este entendimento que mantém as pessoas unidas apesar de todos os fatores que tendem a separá-las⁶⁰.

Este entendimento é tão natural e evidente que passa despercebido. Justamente por ele ser tão natural, no momento em que a comunidade se torna consciente dele, a comunidade deixa de existir.

Na África do Sul, pode-se notar que este tipo de entendimento foi deturpado a ponto de ser baseado na exclusão e separação das raças. Toda a comunidade sul-africana, antes e durante o apartheid, foi baseada no racismo.

Bauman enumera três características principais que garantem a proteção dos membros da comunidade em relação às ameaças a seus modos habituais:

- a) Distinção: a divisão entre quem é um de “nós” e quem não é.
- b) Pequenez: comunicação interna na comunidade é densa e alcança tudo. As de fora ficam em desvantagem.
- c) Auto – suficiência: isolamento em relação aos que estão de fora da comunidade.⁶¹

A idéia de distinção, ou seja, de quem pode ser considerado como sendo um de ‘nós’, é fundamental para as relações internacionais. Os países lidam com este termo no seu dia a dia. Para preservar a autonomia doméstica de um país, é primeiro necessário que se entenda quem faz parte daquele país e quem não faz. Só assim, pode-se defender o país de investidas de outros países que possam talvez ter o interesse em dominar nossa cultura.

Quando a comunicação entre a comunidade e os de fora se intensifica, e passa a ter mais peso que a comunicação interna se destrói a mesmice que caracteriza a unidade da pequena comunidade⁶².

Com esta aproximação entre a comunidade e o mundo externo, uma das mais importantes defesas da comunidade se deteriora: à distância. Quanto mais rápido viajar as informações entre os de “dentro” e os de “fora”, a fronteira que divide os dois não pode

⁶⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. pp 16 – 17

⁶¹ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. pp 17 – 18

⁶² BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p 8

mais ser estabelecida e nem mantida. A partir daí, a seleção, separação e exclusão, vão caracterizar a maneira como os entendimentos comuns devem ser retirados da massa disforme que se formou. E mesmo que este entendimento comum seja alcançado, a comunidade ainda ficará frágil e vulnerável. Uma vez desfeita a comunidade, ela não pode ser recomposta. Quando a comunidade se desfaz, cria-se a identidade⁶³. Isso é extremamente relevante para a presente monografia, pois demonstra de maneira contundente que a comunicação entre as comunidades brancas e negras na África do Sul era muito debilitada. Esta falta de comunicação fez com que as barreiras entre as comunidades aumentassem cada vez mais, até chegar a ponto de total separação e exclusão da população negra do país.

Na visão de Bauman, a identidade criada seria a substituta da comunidade. Porém, para que ela ofereça segurança e desempenhe papel tranquilizador, ela precisa negar ser apenas um substituto, ou seja, para se ter uma identidade é necessário ser diferente, singular. Portanto, a identidade deve dividir e separar. O que podemos notar nos dias atuais, não é o desaparecimento das fronteiras, mas sim o aparecimento de novas fronteiras em cada bairro, cidade, etc. Após o estabelecimento destas fronteiras é que as armas são apontadas para os intrusos⁶⁴.

A comunidade realmente existente é, portanto, diferente daquela idealizada por nossos sonhos, e bem mais próxima do contrário sonhado: os temores e a insegurança aumentam, é necessário vigilância durante todo o tempo para manter os estranhos de fora. O aconchego acaba sendo buscado na batalha⁶⁵.

O apartheid foi justamente uma maneira de se fazer com que a elite branca se sentisse protegida de uma raça que era considerada como sendo capaz de destruir a cultura branca. Como foi visto anteriormente, o regime utilizou inúmeros mecanismos para manter os negros(os estranhos) de fora: áreas residenciais específicas para cada raça, toques de recolher as 22:00hs, vigilância constante das áreas habitadas por negros, etc.

⁶³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. pp 19 – 20

⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. pp 20 – 21

⁶⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p 22

2.3 - Direitos Humanos

Obviamente, uma das questões subjacentes à análise de um regime racista como o do apartheid, é o respeito dos direitos humanos. O problema, no entanto, é descobrir como garantir os direitos humanos de alguém portador de uma ‘diferença’. Como vimos no capítulo 1, os brancos europeus se viram diante de um povo, de uma raça diferente da sua quando chegaram ao continente africano. E esta diferença foi o motivo utilizado para que o branco pudesse se sentir superior, não um “selvagem”, e se desse o direito de subjugar o outro grupo para que ele pudesse levar uma vida sedentária.

Para que uma diferença possa merecer se tornar um direito, é necessário que ela seja compartilhada por um grupo numeroso e determinado. Porém, o que acontece na realidade é a exigência de uma lealdade muito forte por parte de alguns indivíduos que são considerados como portadores da diferença, e para aqueles que não se enquadram é barrado o acesso. O princípio dos direitos humanos estimula a construção de uma comunidade em torno da diferença. Sempre que uma determinada categoria de pessoas se vê prejudicada por causa de suas diferenças, a questão do reconhecimento é levantada⁶⁶.

As guerras pelo reconhecimento feitas em nome das igualdades promovem a interação, ou seja, todas as pessoas têm o direito de procurar a estima social em condições de igualdade. Porém, aqueles que exigem o reconhecimento se baseando na distinção cultural somente incentivam a divisão, a separação e culminam com a interrupção do diálogo⁶⁷.

Chegamos a um ponto em que reconhecemos a perspectiva de que teremos que coexistir perpetuamente, e que é praticamente impossível acabar definitivamente com a miséria humana, conflitos e sofrimentos⁶⁸.

O reconhecimento do direito humano é na realidade um convite para que haja um dialogo no qual sejam discutidos os prós e os contras da diferença, e a partir desta discussão se chegar a um consenso. Este tipo de dialogo é completamente diferente do fundamentalismo universalista que não consegue aceitar a grande quantidade de forma que a humanidade pode adotar. Nos dias de hoje, injustiça significa ser privado de atingir uma

⁶⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.*, pp 71 – 75

⁶⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.* p 72

⁶⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.* p 73

vida cheia de prazeres. A principal razão para uma pessoa se sentir motivado é a busca da felicidade e a esperança de atingir o sucesso. O que nos impedir de atingir estes objetivos é considerado como injustiça. Para que um determinado grupo possa lutar contra outro grupo que promove as injustiças, primeiro é necessário que este grupo seja transformado em uma comunidade⁶⁹.

Após o término do apartheid, esta questão dos direitos humanos foi extremamente debatida, a ponto de ter sido incluído na constituição sul-africana um item que proíbe qualquer tipo de discriminação. A África do Sul é o primeiro país que tem este tipo de artigo em sua constituição. Pelo menos em termos legais, este foi um avanço muito grande para aquele país. O que se quer com esta monografia é tentar mostrar que mesmo havendo uma lei que garanta o respeito dos direitos humanos de qualquer raça, ainda assim as ideologias incutidas durante tantos anos em seu povo fazem com que estes direitos humanos não sejam totalmente respeitados.

2.4 - Igualdade

Esta é a uma parte fundamental para esta monografia: como, na visão de Bauman, a questão das minorias étnicas é tratada sob a luz da comunidade. Como é sabido, a grande maioria da população da África do Sul é composta por negros. Portanto, é preciso ver de onde surgem, dentro da comunidade, as minorias étnicas, para que possamos entender porque se utiliza tanto a questão da raça para diminuir e subjugar outros seres humanos.

Bauman mostra em seu texto que as minorias étnicas são uma espécie de exceção ao processo de desintegração da comunidade. Elas mantêm o caráter de pertencer a uma comunidade, e seus valores comunais. Isto, na realidade, significa pertencer a um grupo do qual não se pode fugir. É uma maneira das sociedades mais fortes de alocar aqueles que são diferentes a grupos específicos. Uma pessoa é designada como pertencente a um grupo de minoria étnica, sem que seu consentimento seja solicitado. As minorias étnicas são o resultado de limites impostos por comunidades mais poderosas, para esconder tipos diferentes de pessoas. Porém, nem sempre é explicado o que as faz diferentes⁷⁰.

Esta visão do autor é muito relevante, pois mostra que o apartheid, mesmo sendo comandado por uma minoria dos habitantes da África do Sul, conseguiu fazer com que a

⁶⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. pp 74 – 76

grande maioria dos habitantes do país fossem mantidos a parte do sistema, escondidos por serem ‘diferentes’.

O interesse das sociedades racistas era criar uma “ordem social perfeita”, que necessariamente envolvia a seleção dos indivíduos. Portanto, ficava óbvio que as raças consideradas como “inferiores” não poderiam nem se aproximar da “perfeição” almejada, e deveriam ser descartadas por causa de sua incapacidade de atingir padrões humanos decentes⁷¹.

Uma outra idéia interessante, é de que para se construir uma nação era necessário se ater ao princípio de ter um único Estado, ou uma única nação, por este motivo era também necessário excluir qualquer diversidade étnica existente entre sua população. Não seria possível exigir lealdade e obediência a uma pátria se sua população não compartilhasse das mesmas raízes e caráter. As minorias étnicas são normalmente vistas como intrusos, com lealdade e destinos diferentes da classe dominante. Surgem então estratégias com o objetivo de promover a separação e o isolamento entre os grupos. Acredita-se que a liberdade da elite dominante depende da incapacidade de ação comum daqueles grupos considerados “diferentes”⁷².

O nacionalismo buscava uma homogeneidade nacional através da educação, que por sua vez levaria ao progresso, e conseqüentemente a um modo de vida melhor, ou seja, só poderia haver uma língua, uma cultura, uma memória histórica e um sentimento patriótico. O que fosse tribal era considerado como sendo atrasado. Caso esta educação não desse resultado, o nacionalismo recorria a meios de coação, como considerar como crime a defesa das diferenças étnicas. O que o nacionalismo queria com isso era eliminar quaisquer tipos de competidores. Com isso as comunidades étnicas eram encaradas como potenciais suspeitos e inimigos⁷³.

Tanto no nacionalismo como no liberalismo não havia lugar para a comunidade étnica. E eles tinham duas opções para lidar com as diferenças étnicas: assimilar (acabar com a diferença, com a idiossincrasia. Tornar os “outros” indistinguíveis perante o restante da nação.) ou perecer (acabar com o diferente, separar física e culturalmente aqueles grupos

⁷⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. pp 82 – 83

⁷¹ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p 99

⁷² BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. pp 83, 94, 95 – 96

⁷³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. p 84

considerados como diferentes). Não havia, portanto, lugar para que a comunidade pudesse sobreviver. A decisão de quem deveria ser assimilado e quem deveria ser excluído para impedir a contaminação do corpo nacional, cabia única e exclusivamente à classe dominante. A comunidade vai aparecer de maneira mais natural para aquelas pessoas que não tiveram direito à assimilação. Portanto sua única opção é procurar amparo no seu grupo nativo⁷⁴. Este é mais um dos mecanismos utilizados pela África do Sul para justificar o regime racista. Como o regime não dava o direito de outras raças de fazerem parte do sistema, sua única opção seria era se apegar à comunidade da qual mais se identificavam.

O sentido de comunidade é muito mais forte naqueles grupos que percebem sua incapacidade para controlar as relações sociais a sua volta, e se vêem ameaçados de ter sua existência exterminada. Por este motivo, constroem uma comunidade de identidade que lhes proporcione sensação de poder e de resistência⁷⁵. Este sentido de comunidade será mostrado de maneira mais profunda no terceiro capítulo desta monografia, onde será feita a análise de um filme que mostra que a única opção dos negros era a de se agrupar com aqueles de sua própria tribo. Mesmo aqueles que pertenciam a tribos diferentes eram vistos como sendo rivais. Seu senso de poder e de força só era encontrado dentro de sua própria tribo.

Uma forma de aceitar todas as diferenças como boas e dignas de preservação, é o que diz o multiculturalismo, que pressupõe o respeito ao direito que cada indivíduo tem de escolher seu modo de vida. Porém, como disse Alain Touraine, ele deve ser separado de algo completamente diferente: o multicomunitarismo, que afirma que o modo de vida e os compromissos de todos os indivíduos são determinados pela comunidade, sem direito a negociações. Portanto, a partir do momento em que uma pessoa começa a fazer parte de uma comunidade, seu caminho já está determinado e deve ser seguido sem questionamentos⁷⁶.

⁷⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.*, pp 8, 86 – 87

⁷⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.* p 83

⁷⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.*p 98

2.5 – Racismo

Uma questão problemática desde o início da formulação deste trabalho, foi a questão de como um governo controlado por uma pequena elite branca, conseguiu impor a toda a sua população um regime racista como o apartheid. Como foi possível fazer com que a população aceitasse que lhes fosse imposto este tipo de governo por tantos anos, e ainda com o apoio das massas? Apesar de ter havido um descontentamento geral, não havia uma oposição organizada contra o regime. Somente aconteceram algumas manifestações contrárias ao governo racista, porém nada com força suficiente para destituir o regime. Por isso, foi adotado o livro “As origens do totalitarismo” de Hannah Arendt, para se buscar uma explicação para este problema. Embora Hannah Arendt não conclua que a África do Sul seja um regime totalitário, existem vários conceitos que ela usa em seu livro que são muito similares àqueles usados pelo apartheid. Por esta razão, é pertinente se fazer um estudo mais detalhado da sua abordagem.

Hannah Arendt mostra que os movimentos totalitários têm como objetivo organizar as massas e não as classes, diferentemente do que faziam os Estados Nacionais do continente europeu. Os grupos políticos são dependentes da força numérica, mas não na mesma escala que os movimentos totalitários, que necessitam da força bruta. Por isso, parece ser impossível haver um movimento totalitário em um país de população pequena⁷⁷.

Os movimentos totalitários são possíveis naqueles lugares onde existam massas com um certo gosto desenvolvido pela organização política. As massas, diferente das classes, não têm objetivos determinados, limitados e tangíveis. Elas não se unem por um interesse comum. Não têm a articulação que as classes têm.

É necessário então que entendamos o que significa o termo massa. Ele somente é aplicado ao conjunto de pessoas que não podem se integrar em uma organização baseada no interesse comum como partidos políticos, organizações profissionais ou sindicato de trabalhadores. Isso ocorre devido ao grande número de pessoas no grupo ou à sua indiferença, ou ainda pela mistura de ambos⁷⁸.

O sucesso que os governos totalitários tiveram entre as massas foi tamanho, que acabou com duas ilusões que os países democráticos têm: a) de que o povo participa ativamente do governo, e de que todo indivíduo simpatiza com um partido ou outro. b) de

⁷⁷ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 358.

que as massas politicamente indiferentes não tinham importância. Os governos totalitários se apoiavam na tolerância e aprovação das massas indiferentes, e também nas instituições visíveis do governo ⁷⁹.

Na visão de Arendt, para se fazer parte de uma classe era necessário se levar em consideração a questão do nascimento. O status social era extremamente importante para que uma pessoa pudesse participar da política. Para que uma classe pudesse ter ascensão era necessário que se intensificasse o processo de instrução e treinamento de uma parte de seus indivíduos, no sentido de prepará-los para uma carreira na política. O restante do grupo passou então a não se sentir responsável pelo governo do país. Este problema veio à tona e fez com que o sistema de classes entrasse em colapso. Este colapso fez com que as maiorias que estavam por trás daqueles treinados para a vida política, se transformassem em uma grande massa desorganizada e desestruturada. Daí se formou a psicologia do homem de massa da Europa: um indivíduo que se julgava como um fracasso individual e que criticava o mundo pelas injustiças que acontecia com ele. O instinto de auto preservação foi enfraquecido, e a consciência do indivíduo de ser dispensável e de não ter importância alguma fez com que a frustração individual se tornasse um fenômeno de massa ⁸⁰.

A principal característica deste homem de massa que estava se formando após a Primeira Guerra Mundial era o seu isolamento e a sua falta de relações sociais “normais”. ⁸¹ Esta questão do isolamento é central para o tema da monografia e parecer ser uma chave de compreensão para o governo racista do apartheid.

Arendt mostra que regimes totalitários só conseguem se impor completamente sobre aquelas pessoas que se isolam aos outros. Por este motivo, um dos mais importantes objetivos do totalitarismo é provocar este tipo de isolamento, pois ele provoca a impotência, ou seja, a força só vai surgir entre aquelas pessoas que se unem e trabalham em conjunto. Aqueles indivíduos que são isolados são fatalmente incapazes de agir ⁸².

O governo corta os contatos políticos entre os homens, fazendo com que sua capacidade de ação e poder sejam frustradas. Porém, há contatos e capacidades humanas

⁷⁸ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 361

⁷⁹ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 362

⁸⁰ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, 365 p

⁸¹ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 367

⁸² ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 526

que não são destruídos, ou seja, a esfera da vida privada, a capacidade de sentir, pensar, inventar permanecem intactas. Portanto, os movimentos totalitários tendem a destruir também esta esfera da vida privada, fazendo com que as pessoas percam além da capacidade de agir, também a capacidade de sentir e pensar⁸³.

Arendt chama a destruição da esfera política de isolamento (não posso agir, pois não há ninguém para agir comigo), e a da esfera privada de solidão (me sinto completamente abandonado pela companhia humana)⁸⁴.

Isolamento significa o indivíduo ver destruída a sua capacidade de agir em conjunto com outros indivíduos para chegar a realizar um interesse comum. Mesmo o isolamento destruindo a capacidade do ser humano de agir, ele não destrói suas atividades produtivas. A tendência é o indivíduo se isolar no seu trabalho, deixando assim suas capacidades políticas de lado, se isola dos interesses comuns. Esta capacidade de se ver criando algo através de seu trabalho, faz com que o indivíduo se mantenha em contato com o mundo. O isolamento só se torna insuportável quando o indivíduo perde esta capacidade de acrescentar ao mundo algo de si mesmo através de seu trabalho, desaparece a sua relação com o mundo. Quando o homem perde sua relação com a política, com o mundo das coisas e não é mais reconhecido como *homem faber* (o homem visto através do seu trabalho, da sua obra, da sua criação), neste momento o isolamento se torna solidão⁸⁵.

Um governo que se baseia no isolamento, deixa intactas as relações de trabalho do indivíduo. Porém aquele governo que se baseia nos 'trabalhadores', como no caso das escravaturas, é um governo de pessoas solitárias. Portanto, o isolamento se refere à quebra do acesso do indivíduo no terreno político, já a solidão se refere à quebra da vida humana como um todo. Na solidão a pessoa tem a sensação de não pertencer ao mundo⁸⁶.

Este é um dos pontos principais deste trabalho, a capacidade que um governo tem de destruir não somente a esfera política de um indivíduo, como também de destruir a capacidade do ser humano de se sentir parte de um mundo. É justamente isso o que parece ter acontecido na África do Sul. As leis impostas pelo regime separaram não só fisicamente, como também culturalmente os indivíduos. A educação, como será abordado mais à frente,

⁸³ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 527

⁸⁴ *Ibidem*, p 527

⁸⁵ *Ibidem*, p 527

⁸⁶ *Ibidem*, p 527

também tem um papel muito importante neste isolamento. Na África do Sul, a educação dada aos brancos era diferente daquela disponibilizada para os negros. Isso também aumentou ainda mais o sentido de isolamento do negro sul-africano.

Os despotismos e tiranias tinham a igualdade de condições de seus governados como um dos seus principais alvos. Porém o governo totalitário vai, além disso, pois precisa destruir também os laços não políticos entre os subjugados. Ele tem que acabar com a existência autônoma de qualquer atividade. Para acabar com todas as conexões sociais e familiares os governos totalitários ameaçam com o mesmo destino o indivíduo e todos aqueles que o cercam, conhecidos até parentes, os seja, todos que se associarem ao acusado. Uma das mais engenhosas criações do governo totalitário é a ‘culpa por associação’. A partir do momento em que uma pessoa é acusada, aqueles que a rodeiam se tornam automaticamente inimigos⁸⁷.

2.6 – Aparelhos ideológicos de Estado

Para se ter uma idéia mais completa da enorme gama de artifícios que o Estado dispõe para manter controle sobre seus habitantes, é útil remeter ao trabalho de um autor marxista, Louis Althusser, que vai possibilitar uma melhor observação do tema educação na África do Sul.

Segundo o autor, o Estado dispõe do que ele chama de ‘aparelho repressivo de Estado’, que compreende o governo, a administração, o exército, a polícia, os tribunais, as prisões, etc. Ele chama de repressivo, pois este aparelho funciona através da violência, lembrando que a repressão administrativa pode ocorrer de formas não físicas⁸⁸.

Porém, o Estado utiliza também aparelhos que ele denomina ideológicos, os quais aparecem sob a forma de instituições distintas e especializadas, como por exemplo: igrejas, escolas, família, instituições jurídicas, políticas, sindicais, de informação, culturais, etc. Estes aparelhos não são confundidos com os aparelhos repressivos de Estado. Para um aparelho repressivo de Estado, que são de domínio público, existem vários aparelhos ideológicos de Estado, que se caracterizam por serem de domínio privado. Mesmo estas instituições sendo privadas, elas podem funcionar como aparelhos ideológicos de Estado⁸⁹.

⁸⁷ ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*, p 372

⁸⁸ Althusser, Louis, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, P 67-68

⁸⁹ Althusser, Louis, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, p 69

A diferença fundamental que distingue os aparelhos ideológicos de Estado e o aparelho repressivo de Estado é que, enquanto o segundo funciona predominantemente através da violência, apesar de também utilizar a ideologia, o primeiro funciona principalmente através da ideologia, utilizando também da violência em menor grau⁹⁰.

Desta maneira, a escola, as igrejas, as famílias moldam, por métodos próprios de sanções, exclusões, seleções, não somente seus funcionários, mas também aqueles que aqueles que delas participam⁹¹.

O autor mostra que existem sutis combinações tácitas ou explícitas entre o aparelho repressivo de Estado e o jogo dos aparelhos ideológicos de Estado. Apesar da grande diversidade e contradições existentes entre os aparelhos ideológicos de Estado, eles agem de maneira unificada, pois funcionam através da ideologia dominante, ou seja, através da ideologia da classe dominante. Se esta classe dominante detém o poder do Estado, normalmente através de alianças de classes, podemos admitir que ela esteja também ativa exercendo sua hegemonia nos aparelhos ideológicos do Estado⁹².

Qual seria então a função dos aparelhos ideológicos do Estado, que se caracterizam por não funcionar através da repressão e sim através da ideologia?

O papel do aparelho repressivo do Estado consiste em garantir pelo uso da força (física ou não) as condições políticas para a reprodução das relações de produção, que são na realidade relações de exploração. O aparelho do Estado garante as condições políticas do exercício dos aparelhos ideológicos do Estado, que por sua vez vão garantir em grande parte a reprodução das relações de produção, pois é neles que se desenvolve a ideologia da classe dominante⁹³. O Estado sul-africano detinha um rigoroso aparato de repressão como viaturas policiais constantemente nas ruas para garantir o cumprimento do toque de recolher. Poderemos ver todo este mecanismo de repressão na análise dos filmes que será feita no capítulo 3.

Após diversas análises históricas, o autor afirma que o aparelho ideológico de Estado escolar assumiu a posição dominante nas formações capitalistas maduras, após

⁹⁰ Althusser, Louis, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, pp 69-70

⁹¹ *Ibidem*, p 70

⁹² Althusser, Louis, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, p 71

⁹³ Althusser, Louis, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, pp 74-75

violenta luta de classe política e ideológica contra o antigo aparelho ideológico do Estado, que era a Igreja⁹⁴.

A escola se encarrega das crianças de todas as classes sociais. Desde o início de sua aprendizagem incute em suas cabeças, precisamente quando estão mais vulneráveis, os ensinamentos contidos na ideologia dominante (línguas, cálculo, história natural, ciências, literatura, etc), ou simplesmente a ideologia dominante em estado puro(moral, educação cívica, filosofia, etc)⁹⁵.

Cada grupo da população recebe na escola a ideologia que convém ao papel que ele deve preencher na sociedade de classe: papel de explorado, papel de agente da exploração, papel de agente de repressão, ou papel de profissional da ideologia. Todos estes papéis podem ser ensinados também por outras instituições como a família, a Igreja, mas nenhuma delas dispõe durante tantos anos da audiência obrigatória, 5 a 6 dias num total de 7, numa média de 8 horas por dia, da totalidade das crianças da formação social capitalista⁹⁶.

Segundo o autor, as relações de produção de uma formação social capitalista (relações entre explorador e explorado) são reproduzidas pela aprendizagem de alguns ensinamentos contidos na ideologia da classe dominante. Estes mecanismos são dissimulados por uma ideologia de escola que é aceita por todo mundo, a qual representa a escola como sendo neutra, desprovida de ideologia, onde professores, que respeitam a consciência e a liberdade das crianças que lhes foram confiadas pelos pais, conduzem –nas à liberdade, à moralidade, à responsabilidade adulta pelo seu exemplo, conhecimento, literatura e virtudes⁹⁷.

Usar a escola como instrumento ideológico foi o que o regime do apartheid fez na África do Sul. Através da educação diferenciada para brancos e negros, o sistema conseguiu colocar sua ideologia dentro da cabeça das pessoas. Esta ideologia era uma maneira de fazer com que o sistema tivesse uma vida longa e pudesse se manter no poder. No próximo capítulo estaremos nos aprofundando mais neste tema da educação como artifício de dominação.

⁹⁴ Althusser, Louis, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, pp 77-78

⁹⁵ Althusser, Louis, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, 79 p

⁹⁶ Althusser, Louis, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, pp 79-80

⁹⁷ *Ibidem*, p 80

3 – Uma análise da vida cotidiana sul-africana

“As coisas são colocadas em filmes para que não sejam esquecidas” – Woody Allen

No primeiro capítulo desta monografia foi feito um breve histórico da colonização da África do Sul, para que fosse possível se ter uma idéia de que maneira foi feita esta colonização e de onde surgiu a base para que o apartheid fosse instituído. No segundo capítulo foi desenvolvida uma análise de alguns autores importantes no campo do estudo da comunidade e da nação, para que fosse possível se ter uma idéia do que os estudiosos entendem pelo tema, tentando mostrar a dificuldade de se entender a África do Sul como um grupo único, com sua identidade.

Neste terceiro capítulo, será feita uma análise da realidade da vida cotidiana sul-africana. A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente. A vida cotidiana é experimentada em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporal. Como não temos a possibilidade de analisar o cotidiano sul-africano somente através da Embaixada sul-africana, será utilizada a representação que o estrangeiro dá para a realidade do cotidiano sul-africano⁹⁸. Esta representação é feita através dos filmes que serão analisados neste capítulo, pois eles são um exemplo de como a África do Sul se mostra para o restante do mundo. São uma maneira de observar como os estrangeiros vêem a questão do apartheid.

3.1 – A sétima arte

Para esta monografia, será utilizado como método mais conveniente para esclarecer os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana sul-africana, a análise de filmes que abordam o tema apartheid. Infelizmente, não existem muitos filmes sobre o tema disponíveis em vídeo. Portanto, serão utilizados alguns filmes que foram muito importantes em sua época, como: *Um grito de liberdade* de Sir Richard Attenborough, *O poder de um jovem* de John G. Avildsen, *Sarafina – O som da liberdade* de Darrel James Roodt e *Images of South Africa* de Raymond Hangcock. A intenção deste capítulo é mostrar obras com pontos de vista de dentro e de fora da África do Sul. Porém, o único filme sul-africano

⁹⁸ BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. pp 35, 36 e 39.

incluído na lista é o documentário “Images of South Africa”, que aborda o povo sul-africano no período de 1990. Os outros filmes foram feitos por outros países. Porém, apesar de apresentarem pontos de vista de diretores não sul-africanos, ainda assim são filmes muito importantes pois mostram a imagem que a África do Sul passou durante tanto tempo para o restante do mundo. Desta maneira, poderemos observar a realidade da vida cotidiana sul-africana tal qual foi também observada por outros países do mundo.

O estudo destes filmes proporcionará a possibilidade de visualizar todas as agruras que o povo sul-africano (negros e brancos) foi obrigado a passar e a se adaptar para que pudessem sobreviver. Assim poderemos ver que esta adaptação pode ter sido tão profunda que será extremamente difícil, ou até impossível, para os sul-africanos negros da geração que viveu o apartheid, e que hoje em dia estão no poder, de se adaptar aos padrões de comunidade e nação vistos no capítulo anterior.

Através da análise desses filmes tem-se a possibilidade de conhecer como a comunidade internacional vem representando a situação do país nos últimos anos.

3.1.1- “Sarafina – O Som Da Liberdade”

O filme começa com a seguinte legenda: “Em 1976 o Governo da África do Sul declarou estado de emergência. Nos próximos treze anos crianças em idade escolar adotarão uma campanha de resistência. Aproximadamente 700 foram mortos, mais de 10.000 foram presos, muitos mais foram torturados. Esta é a história de uma garota que se vê presa no meio da luta pela liberdade na África do Sul um pouco antes da libertação de Nelson Mandela e do fim do Apartheid”⁹⁹.

Apesar de ser um filme baseado em um musical da Broadway, Sarafina, que também é em parte um musical, mostra a batalha que as crianças de Soweto tiveram contra o brutal governo apartheid que regulava o país na época. O filme tenta combinar musica africana com uma estória que descreve as condições e atmosfera de atrocidades que os negros eram forçados a enfrentar durante o apartheid.

Porém, o que interessa para esta monografia é a relação entre a garota Sarafina e sua professora, vivida pela atriz Whoopi Goldberg.

⁹⁹ Roodt, Darrel James. *Sarafina*, 1993

Sarafina é uma garota de Soweto, com grandes esperanças para o futuro, apesar da pobreza em que vive sua família. Sua mãe precisa trabalhar longe de casa e isso força Sarafina a tomar conta de seus irmãos mais jovens. Durante o regime do apartheid o governo proibia as pessoas de falar sua própria língua. Como já foi mencionado no primeiro capítulo, a África do Sul é um país formado por diversas tribos, que não dependiam uma das outras antes da colonização, e que posteriormente se tornaram escravos dos Bôeres. Existe uma diversidade muito grande de línguas e culturas naquele país. Este filme é muito relevante, pois mostra como o apartheid tentava reprimir as culturas negras de todas as maneiras, inclusive impedindo que crianças aprendessem a língua de seu próprio povo¹⁰⁰.

Isso demonstra claramente o medo do homem branco com relação ao homem negro. O apartheid precisava destruir com os laços comunitários das tribos africanas, pois deste modo era mais improvável que houvesse rebeldes. Isto remete ao que foi mostrado no segundo capítulo desta monografia: a questão do isolamento do indivíduo. O que o filme explora é exatamente como o governo do apartheid tentou, de todas as maneiras, impedir que as pessoas tivessem uma identidade própria que as fizessem se sentir capazes de se revoltar contra o sistema. Através do impedimento de crianças aprenderem a língua de seus pais, o apartheid estaria tentando formar uma massa mais fácil de ser controlada¹⁰¹.

O mundo de Sarafina ganha um novo brilho quando uma nova professora chega para substituir a antiga. Esta nova professora passa a ensinar as crianças negras a terem consciência de seu valor e a ter orgulho de sua tradição. O problema era que todos estes ensinamentos eram contrários àqueles impostos pelo apartheid¹⁰².

O filme mostra que o programa educacional era controlado pelo governo racista. Só era ensinado às crianças o que o governo racista queria que fosse ensinado, ou seja, somente aquilo que não fizesse com que aquelas crianças pudessem ter consciência dos maus tratos a que estavam sujeitos, e que pudesse levar a uma rebelião. É possível ver aqui o medo do homem branco de perder o controle sobre os homens negros. Esta foi uma

¹⁰⁰ Ibidem

¹⁰¹ Ibidem,

Mais a frente em outro filme, *Um grito de liberdade*, vamos mostrar que o governo conseguia fazer com que os negros não tivessem consciência de tudo o que o homem branco fazia de ruim contra ele. Fazia ainda que os negros tivessem uma grande aceitação até com a miséria em que viviam.

herança vinda dos Bôeres, como já foi mostrado no item Raça no primeiro capítulo¹⁰³. Este controle fica exemplificado na cena em que o diretor da escola chama a professora Mary para explicar seu método de trabalho perante a polícia sul-africana:

Diretor – “São boatos, mas precisamos ficar atentos a tudo. Eu disse ao Tenente Bloen que você é uma professora responsável e que não faria nada contra as crianças. Estou certo?”

Mary – “Claro, Diretor”.

Diretor – “Ensina comunismo a eles?”

Mary – “Não, Diretor”.

Diretor – “Ensina revolução violenta?”

Mary – “Não”

Tenente – “Ensina o programa autorizado?”

Mary – “Sim”.

Tenente – “Com material adicional?”

Mary – “Sim”.

Diretor – “Você tem que seguir o programa autorizado”.

Tenente – “E o que é esse material adicional?”

Mary – “Quero que saibam de onde vêm e sintam orgulho do que são”.

Tenente – “Orgulho negro?”

Mary – “Se quiser chamar assim”.

Tenente – “Está brincando com fogo”.

Mary – “Quer que se envergonhem?”

Tenente – “Direi o que quero. Quero que se eduquem para terem uma chance na vida, e não sonhem com bobagens”.

Mary – “Que tipo de bobagens? Como não ter polícia na escola? Como não ter medo uns dos outros?”

Diretor – “De hoje em diante siga somente o programa autorizado”.

Como se percebe através do diálogo transcrito, o governo racista precisava a todo custo manter os negros sob seu rígido controle. Era necessário então acabar com todos os laços comunitários que existiam entre eles para que ficassem isolados, e somente pudessem

¹⁰² Roodt, Darrel James. *Sarafina*, 1993

contar com o governo para poderem continuar existindo. Para que os negros pudessem ser completamente manipulados, era necessário controlar sua educação, pois quanto mais educação uma pessoa tem, mais ela começa a refletir sobre sua própria vida e ela naturalmente começará a questionar um sistema que claramente impede que ela possa crescer como ser humano.

Este é mais um exemplo da educação precária dada aos negros no período de poder do regime apartheid. Se esta educação não é dada de maneira apropriada, são criados seres humanos fáceis de serem manipulados por oportunistas.

Como foi abordado no segundo capítulo, a escola pode ser um instrumento através do qual o Estado pode incutir nas cabeças das crianças a ideologia da classe dominante. A escola é uma instituição que molda o indivíduo. Pode-se ver isso claramente no filme *Sarafina: o regime usando a educação como jogo político*. Pois, mesmo quando o regime e a repressão acabam, a ideologia continua. A ideologia incutida na cabeça do povo demora muito mais para acabar.

É claro que a educação formal não é pré-requisito básico para que uma pessoa possa exercer o poder. Um ótimo exemplo é o atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, que não tem curso superior. Mas a maneira com que o apartheid conseguiu incutir sua ideologia nos negros sul-africanos faz com que eles não estejam completamente preparados para exercer o poder hoje em dia. Para exercer bem o poder, é necessário que a pessoa tenha auto-estima, confiança em si mesma e nos outros que os rodeiam. O apartheid destruiu toda esta confiança existente nos negros. Nos dias de hoje, os governantes negros sul-africanos têm grande dificuldade em aceitar regras, pois tiveram que conviver durante tanto tempo com regras separatistas que os humilhavam. Eles não têm confiança alguma em si, ou nos outros.

Voltando ao filme, a professora interpretada pela atriz Whoopi Goldberg tenta ensinar às crianças negras de sua sala a terem orgulho de suas raízes negras, para que pudessem se unir cada vez mais a fim de acabar com a opressão infligida pelo apartheid¹⁰⁴.

Em uma das cenas principais do filme, ela diz aos alunos que o povo unido pode derrotar exércitos. Sua vontade de fazer com que os alunos tivessem amor próprio fica exemplificado na seguinte fala:

¹⁰³ Ibidem

Mary – “Eu não ensino comunismo. Ensino história. E a história é uma coisa tão linda, porque nos ensina de onde viemos. Quero que saibam disso. Quero que se orgulhem do que fizemos de bom e saibam o que fizemos de ruim e aprendam com isso. Senão, de que serve o amanhã? Se não aprenderem, tudo o que vocês têm é presente, presente e presente. E vocês merecem mais que isso. Acreditem. Se aprenderem, poderão se unir, e unidos poderão derrubar exércitos”.

Neste momento, uma viatura policial chega à porta da sala de aula, retira a professora à força, e um professor substituto entra na sala de aula para continuar a aula, de acordo com o programa imposto pelo governo. Os alunos então começam a se rebelar contra o professor e o sistema. Saem da sala de aula gritando palavras duras contra o apartheid. O exército chega na escola e começa a matar as crianças que tentavam fugir ou se esconder. Esta é uma das cenas mais violentas de todo o filme. Porém mostra muito bem a repressão que ocorria naquela época, e o medo que o sistema racista tinha dos negros tomarem consciência de seu poder, caso se unissem para lutar contra as injustiças do apartheid¹⁰⁵.

Em outra importante representação que o filme faz, os personagens se revoltam contra um negro que fazia parte de um grupo que atuava como informante para ajudar o governo a manter os negros sob controle. Ele tinha a função de delatar qualquer ato de rebelião que ocorresse entre os negros. Uma das pessoas que ele delatou era um jovem rapaz que fazia parte do rol de amizades de Sarafina, e ele acaba sendo assassinado. Sarafina e seus amigos se revoltam contra o delator e em uma cena muito violenta o espancam até a morte. Fica muito evidente o ódio que foi criado no coração das pessoas por causa do apartheid. Um ódio vingativo. Para a grande maioria dos negros, não era na verdade uma vontade de viver em paz com o homem branco, de viver pacificamente dividindo o mesmo país. O desejo era de vingança¹⁰⁶.

Este ódio também fica evidente na fala de um jovem negro dentro da escola para os seus colegas: “Se quiser atingir os Bôeres incendeie lojas. Queremos o povo vivo, com

¹⁰⁴ Ibidem

¹⁰⁵ Ibidem

O filme não é um bom exemplo de cinema pois os números musicais não combinam com a violência do filme, não se sabe muito bem se estamos vendo um musical ou um drama, porém, ele é excelente para nos mostrar, através desta representação, que o apartheid criou um ódio muito grande entre as populações negra e branca do país.

raiva. Os Bôeres não terão vida calma enquanto estivermos aqui. Os Bôeres querem tudo calmo, tudo sob controle, mas não estamos felizes, nem calmos e nem sob controle. Devemos lutar”.

Sarafina – “Lutem, mas não usem a escola”.

Rapaz – “Escola? A grande escola. A maravilhosa escola. Acha que querem nos educar aqui? Isso não é educação. Só querem que fiquemos longe das ruas”.

Sarafina – “Mas a professora Mary Masenbuko nos ensina”.

Rapaz – “Por quanto tempo eles vão deixá-la? Pessoas somem o tempo todo. Por quanto tempo vão deixá-la corromper nossas mentes? Temos que lutar”.

Este diálogo exemplifica o que foi dito sobre a escola sendo usada como aparelho ideológico de Estado. Isso fica bem claro quando o rapaz diz que o que eles têm não é educação, que a escola é somente uma maneira do Estado manter os negros longe das ruas.

3.1.2 - *O poder de um jovem*

Este filme é baseado no livro homônimo de Bryce Courtney. Ele se inicia em uma fazenda da África do Sul em 1930. O jovem Peter Phillip Kenneth Keith, chamado de PK, mora com sua mãe viúva e sua babá, que por sua vez tinha um filho, Tonderai. Esta é uma intrigante história de um jovem branco de família inglesa de fazendeiros. Ele foi criado em pé de igualdade com a família negra que trabalhava na fazenda, ajudando sua mãe nos afazeres diários. Ele cresceu junto com Tonderai, e para ele os dois eram iguais. Tinham o mesmo direito. Um dia sua mãe fica muito doente e PK precisa ser mandado para uma escola/internato afrikaner. Lá ele tem problemas com os outros alunos, pois ele é de uma família inglesa. Ele é vítima de vários ataques vindo dos garotos afrikaners¹⁰⁷.

Em uma das cenas do filme, jovens afrikaners estão ouvindo no rádio a notícia de que a Segunda Guerra Mundial tinha começado, e de que os nazistas estavam querendo atacar todos os ingleses que ainda dominavam a África do Sul. Esta notícia desencadeou uma reação muito forte dos jovens afrikaners contra o menino inglês PK. Eles matam a galinha de estimação de PK e em seguida o torturam pelo simples fato dele ser inglês. Esta cena é bastante significativa para este trabalho, pois exemplifica de maneira perfeita a rivalidade entre ingleses e afrikaners. Uma rivalidade histórica, como já foi mostrado nesta

¹⁰⁶ Ibidem

monografia. Os Afrikaners são os descendentes diretos dos Bôeres, que foram a base para que o sistema racista pudesse ser instalado naquele país. Quando os ingleses chegaram na África do Sul, eles tentaram impor suas leis ao modo de vida parasitária em que os Bôeres viviam, as custas dos povos negros do país. Os ingleses fizeram com que a escravidão fosse abolida, causando grandes problemas para os Bôeres. Por isso, chegou até a haver uma guerra entre os Bôeres e os ingleses. Grande parte desta rivalidade é mostrada de maneira muito clara neste filme ¹⁰⁸.

Em seguida, PK fica órfão e é colocado aos cuidados de um alemão, amigo de seu avô, chamado Professor von Vollensteen, que PK aprende a chamar de Doc. Por causa da guerra, o alemão é preso, em caráter de ser mantido sob observação pelos ingleses, durante o período de duração da guerra. Neste momento, PK, que é o narrador de sua própria história, diz a seguinte frase: “Foi neste momento que percebi que os afrikaners não eram os únicos a odiar e a temer outros”. Mais uma vez pode ser remetido àquela informação anterior de que o ódio entre as raças é na realidade medo de ser dominado. E a necessidade de se criar mecanismos para se manter sob controle qualquer pessoa que possa vir a colocar em cheque o modo de vida tanto de afrikaners como ingleses. É interessante ver que o personagem alemão é temido pelos ingleses do filme, tanto que foi preciso mantê-lo preso, enquanto que os afrikaners admiravam os alemães que decretaram guerra contra os ingleses, e que poderiam vir a livrá-los do domínio inglês ¹⁰⁹.

PK fica sob a guarda do alemão, fazendo várias visitas dentro da prisão, convivendo com os alemães, guardas afrikaners, ingleses e prisioneiros de várias tribos negras. Dessa maneira, o filme fornece representações dos diversos grupos étnicos existentes na África do Sul. O jovem PK passa a observar como os negros somente servem como mão de obra para os brancos. Seu tutor alemão designa um dos negros prisioneiros, Geel Pete interpretado por Morgan Freeman, para ensinar boxe ao menino. Geel Pete começa a perceber que o garoto PK com sua bondade se relaciona muito bem com homens de diferentes tribos. Infelizmente estas tribos não se relacionavam bem, devido a várias diferenças entre suas

¹⁰⁷ Avildsen, John D. *O Poder de um Jovem*, 1992

¹⁰⁸ *Ibidem*

¹⁰⁹ *Ibidem*

culturas. Geel Pete passa então a chamar o garoto de “Fazedor de chuva”, ou seja, uma pessoa que seria capaz de unir as tribos negras em uma só¹¹⁰.

Como foi analisado no segundo capítulo, esta falta de identidade faz com que comunidades se tornem cada vez mais fechadas com relação a outras comunidades externas. Por isso, as adversidades entre elas podem se tornar muito sérias. É exatamente isso que o filme mostra. Em uma cena importante, Doc é encarregado pelo diretor do presídio de criar uma apresentação para um Comissário importante que estava prestes a fazer uma visita ao presídio. Esta apresentação seria feita pelos prisioneiros negros. Pelo fato de PK se dar muito bem com todas as tribos, ele fica encarregado de manter uma certa união entre elas para que a apresentação seja feita da melhor maneira possível. O filme mostra perfeitamente a rivalidade entre as tribos, e somente o jovem rapaz consegue acalmar os ânimos. O sentido de comunidade era tão restrito entre cada tribo negra, que nem pessoas de outras tribos eram consideradas como iguais. Como a separação entre as tribos já existia, ficava muito mais fácil para um governo racista dominar todas elas. É exatamente isso que aconteceu quando o apartheid se instalou na África do Sul¹¹¹.

Neste filme é muito fácil se perceber que as várias comunidades existentes na África do Sul nunca se juntam em uma única comunidade. A rivalidade entre elas é muito grande. Afrikaners odeiam ingleses e negros. Negros odeiam afrikaners, ingleses e negros de tribos diferentes da sua. Todo mundo odeia todo mundo. Esta é o segundo grande ponto desta monografia, o problema de uma nação que não consegue conviver com sua própria diversidade.

Em uma cena, o professor é convidado pelo Comandante para criar um concerto em homenagem à visita do Comissário à prisão. O professor aceita e quando o Comandante se vai, Geel Pete diz: “O concerto não será para eles e sim para nós. O senhor escreve a música e o jovem mestre escreve a letra. As vozes das pessoas podem ser os instrumentos”.

PK – “Isso. Eles jamais saberão para quem é o concerto”.

Geel Pete – “As tribos não se falam. Cantarem juntos é impossível. Mas eles cantarão se o pequeno mestre quiser”.

PK escreve a letra que diz: “Eles correm para lá e para cá”.

Eles estão confusos e com medo

¹¹⁰ Ibidem

Eles são covardes “.

PK consegue unir as tribos e fazê-los cantar juntos. Um dos guardas da prisão se mantém desconfiado e pergunta sobre o que os negros estão cantando, mas o professor diz que não sabe.

Antes do concerto, o Comandante decide dar um aviso aos negros e pede para PK traduzir:

Comandante – “A única razão que permiti este concerto foi para homenagear o Comissário e sua amiga, e em respeito ao professor, que mesmo estando preso, não é criminoso como vocês”.

PK traduz – “O Comandante os recebe e aguarda a grande canção”.

Comandante – “Estou fazendo isso para este grande homem. Mas na primeira confusão, basta uma e acabou”.

PK traduz – “Ele espera que as tribos cantem muito bem para a honra de todo o seu povo”.

Comandante – “Só um erro e serão os negros mais infelizes da África”.

PK traduz – “Nesta noite seremos um só sob o céu africano”.

Todos os negros aplaudem e o Comandante desconfiado pergunta – “Porque estão aplaudindo?”

Professor – “Eles respeitam a força, Sr”.

Nesta representação do cotidiano, pode-se notar que a única maneira que os negros tinham de se sentirem como parte da sociedade era através de um menino branco inglês, que com uma tradução errada deu àqueles homens, nem que fosse por um momento, um mínimo de dignidade. Deu-lhes a capacidade de se sentirem parte daquele país. O sistema era tão repressor, que precisava estar sempre dando provas de sua força, como foi no caso do discurso do Comandante. Após o término desta cena, o personagem do guarda sul-africano, que já estava desconfiado de que a letra da música poderia dizer algo contra o sistema, vê Geel Pete satisfeito com o concerto, e o espanca até a morte. Mais uma demonstração do poder de repressão do Estado.

Em outro momento, PK já rapaz continua a lutar boxe, porém ele deseja fazer lutas entre brancos e negros. O rapaz descobre um ginásio onde o treinador promovia este tipo de

¹¹¹ Ibidem

lutas inter raciais, apesar de ser contra a lei. Durante uma destas lutas, PK conhece uma moça branca, filha de um chefe de polícia que também fazia parte do movimento nacionalista da África do Sul. PK tem então que pedir permissão para namorar a moça. Na cena em que PK faz a visita ao chefe de polícia, ele observa um grande painel ao longo da parede atrás da mesa do Sr. Marais, com cenas por vezes violentas. O Sr. Marais entra:

Sr. Marais – “Como vai? Sou o Professor Marais”.

PK – “Muito prazer. Sou PK”.

Sr. Marais – “Admirando a arte?”

PK – “Sim, Sr.”.

Sr. Marais – “É a história da família Marais desde 1688. Aquele é meu tio avô, Jan Pete. Foi Comandante em 22 até que o seu povo o enforcou”.

PK – “Meu povo? O Sr. Quer dizer os Ingleses? Eu sou sul-africano”.

Sr. Marais – “Como eu, os Zulus, Khosas, Pongos, Ndebeles, Sothos, Sothos. Somos todos sul-africanos. Mas de tribos separadas”.

PK – “Não podemos pensar na África do Sul como tribos separadas”.

Sr. Marais – “A divisão não é uma coincidência. Acha que os Zulus querem sua cultura, sua identidade substituída por outra? Eu também não”.

PK – “Mas não acho que queira ser um Zulu sem os mesmos direitos que nós”.

Sr. Marais – “As leis são para isso”.

PK – “Concordo. Mas elas definem justiça?”

Sr. Marais – “A justiça depende de quem a comanda”.

PK – “É verdade. Mas o tempo no comando depende de como a usam, não é?”.

Este é o espírito nacionalista que foi mencionado no primeiro capítulo desta monografia. A ideia de que os Bôeres foram na realidade o causador de grande parte das agruras que o povo sul africano teve que passar. O sentimento de orgulho representado nesta cena exemplifica o desejo que o regime do apartheid tinha em se tornar uma nação que pudesse se inserir num cenário internacional já organizado em nações ¹¹². Esta representação demonstra mais uma vez a importância que o tema abordado nesta monografia tem para as relações internacionais.

¹¹² Ibidem

O grande problema deste filme é representar os negros como pessoas que precisam de ajuda constante, com baixa auto estima. Pessoas que não são capazes de resolver seus problemas por si só. Foi necessário que um menino branco, órfão, aparecesse para dar-lhes dignidade. O máximo que os negros fazem é agradecer a ajuda. Na realidade, o que o apartheid queria era justamente isso: fazer com que os negros não tivessem opção de salvação alguma fora do sistema. Porém, sabemos que vários grupos negros se formaram ao longo da história para lutar contra a segregação.

3.1.3 - *Um grito de liberdade*

Este filme de 1987, dirigido pelo diretor inglês Sir Richard Attenborough, foi baseado em dois livros escritos por Donald Woods, '*Biko*' e '*Asking for trouble*'. Estes livros são uma espécie de diário mantido pelo escritor sobre sua amizade com o líder negro Steve Biko, que foi assassinado na África do Sul em 1977. Portanto, é uma obra baseada em fatos reais e já no início do filme nos é informado que fora alguns poucos nomes alterados por questão de segurança, toda a estória é verídica.

O filme conta a estória da amizade que se forma entre um jornalista branco liberal Donald Woods, interpretado por Kevin Kline, e o líder negro pacifista Steve Biko, interpretado por Denzel Washington ¹¹³.

Um grito de liberdade é essencialmente dois filmes em um – o primeiro é sobre Steve Biko, e o segundo sobre Donald Woods. Steve Biko morre na metade do filme, e neste momento o filme se transforma em uma espécie de filme de aventura, mostrando a fuga de Donald Woods da África do Sul ¹¹⁴.

Para os objetivos desta monografia o que interessa é a primeira parte do filme onde a amizade entre os dois vai se formando.

O filme inicia mostrando um massacre em um dos assentamentos para negros estabelecidos na periferia das cidades pelo governo apartheid. A polícia estava procurando por Steve Biko. Logo depois desta abertura, vê-se a editoria do jornal onde trabalha o jornalista Donald Woods, que está sendo visitado por uma médica negra que vai até a editoria para reclamar de um artigo publicado que chamava o líder negro Steven Biko de racista.

¹¹³ Attenborough, Richard. *Um Grito de Liberdade*, 1987

Woods – “Arrisco meu pescoço neste jornal para combater o racismo branco, mas se pensa que amolecerei por algum preconceito negro sensacionalista, trouxe sua reclamação ao homem errado”.

Dra.Ramphela – “Preconceito negro? Essa não é a posição de Steve”.

Woods – “Seu amigo Biko está levantando uma muralha de ódio negro na África do Sul, e eu o combaterei enquanto estiver ocupando esta cadeira”.

Dra.Ramphela – “O que você faz nesta cadeira é colocar palavras na boca dele. E sabe que ele não pode responder porque foi banido. Ele não pode vir até você. Se você for o jornalista honesto que diz ser, iria até ele”.

Woods – “De onde você é?”

Dra.Ramphela – “Da África do Sul. Sou uma de dois estudantes que recebeu bolsa na faculdade de medicina de Natal. Sou testemunha da preocupação paternalista branca com os nativos”.

Woods – “Fico feliz que não desperdiçamos nosso dinheiro”.

Dra Ramphela – “Sei que não é um tolo, Sr. Woods, mas está mal informado. Steve Biko é uma das poucas pessoas que ainda pode salvar a África do Sul”.

Este é mais um exemplo da educação dispensada aos negros sul-africanos. Como foi falado acima quando foi abordado o filme *Sarafina*, a educação é questão essencial para se criar seres humanos capazes de tomar decisões. Através desta cena podemos notar que o governo se preocupava com sua imagem de bom governo tentando fazer uma integração entre as raças, mas que nada disso era verdade ¹¹⁵.

Esta médica faz uma proposta ao jornalista de levá-lo para se encontrar com Steve Biko e conhecê-lo melhor, para que ele possa talvez mudar de opinião com relação a sua pessoa ¹¹⁶.

Quando os dois finalmente se conhecem, começa a parte mais interessante do filme: uma espécie de ‘educação’ feita pôr Biko para transformar Woods em um solidário para com sua causa ¹¹⁷.

¹¹⁴ Ibidem

¹¹⁵ Ibidem

¹¹⁶ Ibidem

¹¹⁷ Ibidem

Uma das coisas mais interessantes ditas por Biko durante esta ‘educação’, é que o homem negro não tinha uma história – mais uma vez remetendo ao que já foi mostrado no primeiro capítulo a respeito das tribos de negros durante o período da colonização. A história do homem negro sul-africano é aquela que o homem branco fez. Ele vivia nos assentamentos criados pelo homem branco, trabalhava nas casas dos homens brancos, ou seja, o homem negro sul-africano não se identificava com nada daquilo que utilizava para a sua subsistência. Nada tinha sido feito pelo negro. Todo o dinheiro e oportunidades são direcionados para os brancos. Os negros precisavam até de permissão para trabalhar, e mesmo assim para sub-empregos, como domésticos. Através deste artifício, ficava mais fácil para o apartheid de controlar os negros. De fazer com que os negros não soubessem viver sem ter o estado apoiando ¹¹⁸.

A intenção de Steve Biko era aumentar a consciência do negro de sua própria história, de seu poder como ser humano. Incutir no negro o que o apartheid destruiu: a capacidade que a pessoa tem de se identificar como ser humano. Steve Biko lutou para conscientizar o negro de sua própria humanidade ¹¹⁹.

Em outra cena importante no filme, o jornalista faz uma visita ao Ministro da Polícia para tentar entender porque Steve Biko estava banido. O Ministro, então, mostra a Woods vários quadros que contam a história Afrikaner na África do Sul. Ele conta a história dos Bôeres com orgulho, e diz: “Nós não colonizamos este país. Nós o construímos. O que há aqui foi construído com o sangue afrikaner também”. Woods diz que tudo o que foi construído foi às custas de mão de obra barata, a qual fez com que a economia sul africana crescesse. Neste momento, o Ministro diz: “Não vamos abrir mão do que temos. Nós não somos os monstros que acham que somos” ¹²⁰.

Isso exemplifica mais uma vez o orgulho afrikaner de acreditar que haviam construído o país, sem levar em consideração que foi às custas do trabalho negro que tudo foi construído. E mesmo assim o negro não se identifica com nada do que havia sido construído.

Steve Biko é preso, espancado e morre em decorrência dos ferimentos em setembro de 1977. O governo branco noticia que ele morreu em decorrência de uma greve de fome.

¹¹⁸ Ibidem

¹¹⁹ Ibidem

¹²⁰ Ibidem

Há inclusive uma cena em que o governo é parabenizado por dar às pessoas a opção de fazer greve de fome se quiserem¹²¹.

A partir deste momento o filme se transforma em um suspense acompanhando a tentativa de fuga do jornalista Donald Woods juntamente com sua família, para a Inglaterra como asilado político. Esta parte somente interessa para nosso trabalho para lembrar um dos itens que foi trabalhado no capítulo anterior quando analisamos a teoria de Hannah Arendt sobre os mecanismos dos governos totalitários para causar a sensação de isolamento nas pessoas. Um destes mecanismos é a ‘culpa por associação’. O jornalista Woods passou a ser perseguido pelo regime racista a partir do momento em que foi descoberta sua associação com Biko. A partir do momento em que Biko foi acusado, todas aquelas pessoas que o rodeavam passaram automaticamente a serem inimigos do sistema, e precisavam ser mantidos sob intensa vigilância.

3.1.4 - *Images of South Africa*

Infelizmente este foi o único título sul-africano encontrado para esta pesquisa. Este curto documentário, de apenas 20 minutos de duração, é muito interessante, pois mostra como as comunidades sul africanas estavam em 1994, um pouco depois do fim do apartheid. Devido à grande diversidade cultural que já vimos existir na África do Sul, as pessoas ainda estão tentando lidar com todas estas diferenças da melhor maneira possível. Eles mostram como é diferente cada comunidade, como a indiana, que é uma das mais tradicionais da África do Sul. Para se ter uma idéia de como a diversidade é grande naquele país, eles têm onze línguas oficiais¹²².

No documentário é mostrado que foram criadas certas línguas para fazer com que as diferentes raças pudessem se comunicar e assim trabalhar juntos¹²³.

O apartheid somente veio para aprofundar ainda mais as diferenças entre os habitantes da África do Sul. Mesmo com o fim do apartheid estas diferenças ainda continuam gritantes. E esta geração que está no poder foi a que mais sofreu os ataques do apartheid. Portanto, ainda existem muitas cicatrizes e até feridas abertas causadas pelo regime racista.

¹²¹ Ibidem

¹²² HANGCOCK, Raymond. *Images of South Africa*, 1994

¹²³ Ibidem

Este documentário, mesmo sendo bem superficial, consegue mostrar a luta dos sul-africanos em tentar conviver com tantas diferenças, todas clamando ter direitos especiais em relação ao seu país ¹²⁴.

3.2 - Educação

Como já foi dito durante a exposição dos filmes estudados, uma das questões que mais apareceu nas películas foi a educação. É muito importante se fazer uma ponte entre esta questão e o que foi analisado no capítulo anterior sobre o termo Nação. Quando analisamos o verbete Nação no *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*, vimos que é primordial para a existência de uma Nação que seus habitantes tenham uma alfabetização quase universal e uma boa proporção de educação formar. Somente com este tipo de educação os habitantes do país podem ter um maior acesso à sociedade. Outro ponto essencial para a formação de uma Nação é que haja uma cultura comum a todos e padronizada com base na educação ¹²⁵.

Ficou muito claro através de nosso estudo que este tipo de educação foi também segregado na África do Sul. Somente os homens brancos tinham direito a uma educação realmente boa. Era intenção do apartheid manter os negros com uma educação de menor qualidade para que assim fosse mais fácil mantê-los sob controle do sistema.

Já a respeito da cultura, foi possível ver que na África do Sul existe uma gama muito grande de culturas completamente diferentes umas das outras. Cada comunidade tenta defender com “unhas e dentes” sua própria cultura, inclusive em detrimento a outras culturas existentes.

Como foi visto no documentário *Images of South Africa*, existe até uma língua específica criada para que pessoas de culturas diferentes possam se comunicar e trabalhar juntas. Onze línguas oficiais exemplificam como é difícil para os sul-africanos adotar uma única língua como sua língua oficial. Todas as comunidades lutam para que sua própria língua seja utilizada oficialmente pelo país ¹²⁶.

¹²⁴ Ibidem

¹²⁵ GELLNER, Ernest. Nação em: OUTHWAITE, William (org). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. pp 507 – 508.

¹²⁶ Images of South Africa

Portanto, é praticamente impossível que nesta geração haja um consenso entre eles no sentido de adotar uma cultura comum para todos os seus habitantes.

Na análise feita no capítulo anterior sobre o livro *Nações e Nacionalismos*, Eric Hobsbawm mostrou que alguns grupos não se contentavam com o termo nação destacando somente o território de origem. Ele cita o exemplo dos holandeses que faziam questão de destacar a descendência comum. E foram exatamente os holandeses que começaram com todo o processo racista que se deu na África do Sul, como foi visto nesta monografia ¹²⁷.

Este tipo de nacionalismo passou dos holandeses para os seus descendentes os Bôeres, que por sua vez passaram para os Afrikaners. Ficou também muito claro nos filmes analisados que os Afrikaners sentem muito orgulho do que fizeram na África do Sul. Mesmo que o mundo inteiro esteja contra suas atitudes, ainda assim seu sentido de orgulho é muito profundo. Eles não acreditavam que estavam fazendo nenhum mal. Acreditavam piamente que estavam defendendo sua própria cultura de uma possível aniquilação, quando ela ficasse exposta a culturas africanas. Acreditavam que estavam defendendo o direito de seu próprio povo de se desenvolver sem nenhum tipo de mistura com outras raças. Até hoje este tipo de sentimento existe, inclusive como defesa, os próprios negros começaram a adotar o mesmo tipo de ‘defesa’ de sua própria raça. Não há interesse de uma miscigenação dos brancos com os negros, e também dos negros para com os brancos.

Outro ponto relevante, abordado no segundo capítulo, foi a teoria de Hobsbawm de que é necessário a existência de uma elite cultural estabelecida por um longo período, como critério básico para se classificar um povo como nação. É fácil notar que os afrikaners tentaram a todo custo se estabelecer como a elite cultural dominante desde o início do processo de colonização da África do Sul. Talvez esta seja mais uma explicação para o grande orgulho que o afrikaner tem neste processo, como foi visto anteriormente na análise dos filmes estudados. A garantia de que o regime do apartheid pudesse ser considerado como governo legal e de que a África do Sul seria reconhecida como uma nação estava diretamente ligada à capacidade do povo afrikaner de se estabelecer como a elite cultural dominante do país. A África do Sul insistia em estabelecer o apartheid como nação, pois desta maneira esta estaria presente em um mundo que é organizado e estabelecido com base em um sistema de nações.

¹²⁷ HOBBSAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. pp 12,13, 14 – 18

3.3 - Comunidade

Após todos os fatos sobre a colonização e o apartheid mostrados ao longo desta monografia, será necessário agora fazermos uma pequena análise destes sob a luz do que nos mostrou Bauman, para que possa ficar claro em que ponto se situa a África do Sul em relação aos estudos do termo comunidade.

Não se pode negar que existem diversas comunidades na África do Sul. Cada uma delas sendo extremamente diferente uma da outra. Cada comunidade com sua própria cultura, sua própria língua, etc. Como Bauman disse, o termo comunidade traz vários significados que prometem prazer e traz sensações boas. Levando em consideração estas afirmações, pode-se afirmar que não há como haver sensações boas quando uma comunidade está sempre com medo de outra comunidade acabar contigo ¹²⁸.

Bauman mostra que existe outro dado significativo para esta pesquisa é a questão de que dentro da comunidade pode-se contar uns com os outros, com a ajuda dos outros membros durante uma necessidade. Na África do Sul, as comunidades não têm uma interação entre si. Por todas as questões históricas apresentadas, pode-se notar que as comunidades sul-africanas têm muita restrição em permitir uma maior interação entre elas, talvez ainda pela idéia de que acreditam que se esta interação pode fazer com que sua comunidade pode ser diluída por outra cultura mais poderosa ¹²⁹.

Mesmo após o fim do apartheid, ainda pode-se notar que a segregação continua no país. O apartheid foi abolido há somente 10 anos, o que representa um período muito pequeno. Não é ainda possível se ver interesse para o aprofundamento da interação entre as comunidades.

Bauman ainda mostra mais uma questão importante: a segurança. Segundo o autor não se pode ter uma comunidade segura para seus membros, sem que eles abram mão de sua liberdade. É impossível ter segurança e liberdade ao mesmo tempo em uma comunidade. Por liberdade entende-se autonomia, auto-afirmação e identidade. ¹³⁰ Na África do Sul, o apartheid acabou com qualquer tipo de liberdade que os indivíduos negros tinham. Eles não tinham autonomia, não tinham auto-afirmação e sua identidade foi

¹²⁸ Bauman, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. p 08

¹²⁹ Bauman, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. p 09

¹³⁰ Ibidem, p 09

destruída a ponto de, como foi representado pelo filme *Um grito de liberdade*, fazer com que sua própria história passou a ser identificada com aquilo que o homem branco construiu. Não havia uma consciência de que grande parte daquilo que estava sendo produzido e utilizado nas comunidade, tinha participação efetiva dos negros ¹³¹.

A identidade ocupa espaço na organização da vida social. Para que ele possa se identificar e se posicionar perante o mundo é necessário que se veja refletido no outro. Somente assim, ele vai poder identificar as diferenças e igualdades existentes entre eles, e assim aceitar o seu lugar na sociedade. Na África do Sul, o apartheid acabou com a possibilidade que o homem negro tinha de se posicionar. Sua história foi esquecida e passou a ser aquela que foi ditada pelo homem branco.

Não era somente o negro que tinha a sua liberdade restringida. A sociedade do homem branco também ficou menor por causa do sistema. Ele tinha acesso à maior parte do que era oferecido, mas o medo de perder tudo isso frente à grande maioria negra, fazia com que sua liberdade ficasse também restrita.

Devido a todos estes questionamentos, pode-se afirmar que as comunidades dos sul-africanos, de uma maneira geral, ficaram extremamente debilitadas por causa dos efeitos do apartheid, mesmo após o seu término. As próximas gerações talvez tenham uma maior capacidade de interação entre si, pois o apartheid será somente parte dos livros de história, e não mais um período que foi vivido e sofrido pelas pessoas. Isso faz com que o sentimento de vingança seja atenuado, e esta interação pode ocorrer mais naturalmente, tornando o país mais justo.

¹³¹ Bauman, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. p 08

CONCLUSÃO

Antes de qualquer coisa, é necessário rever as questões que foram levantadas no início desta monografia. Foram apresentadas questões como as diferenças entre o sentido de comunidade para negros e brancos sul-africanos. Questionou-se também a razão para tanta desconfiança, insegurança por parte dos negros, em relação ao próximo; como seria o relacionamento das diferentes culturas dentro de África do Sul; como os sul-africanos estavam lidando com a construção de um governo democrático após o término do apartheid; que papel o apartheid teve na destruição da capacidade dos negros sul-africanos em se relacionar com o próximo; como o apartheid utilizou a educação para consolidar ainda mais a segregação racial.

Pelo que foi visto ao longo do trabalho, o racismo existe desde o início da colonização sul-africana pelos europeus. Foi uma maneira que os brancos tiveram para tentar explicar a existência de seres humanos que ficavam à margem de sua compreensão. Eles não conseguiam entender um povo diferente deles, que viviam em completa integração com a natureza. Por isso, o mais fácil foi aceitar que os negros não eram seres humanos como eles e sim, quase que animais. Desta forma, eles puderam escravizar a população negra sem sentimento de culpa.

Foi possível ver que desde o início da colonização o relacionamento das diferentes raças e culturas foi problemático. E estes problemas só foram se intensificando ao longo do tempo, pois além dos bôeres e das diversas tribos negras existentes, logo chegaram a África do Sul os ingleses que tentaram de todas as maneiras implantar ali o sistema de regras europeu, provocando assim a guerra anglo-bôer. Tudo isso sem contar os indianos, outro povo que também se instalou no país e também passou a ser vítima de segregação por causa de sua pele mais escura e tradições diferentes daquelas da classe dominante.

Todas estas diferenças fizeram com que cada raça tentasse defender sua própria cultura, pois o medo vigente era de que a partir da integração as diferentes culturas seriam diluídas, e conseqüentemente desapareceriam. Portanto, tudo era uma questão de sobrevivência da raça. Isso tudo culminou com a instauração do apartheid como regime vigente que, como foi visto ao longo do trabalho, aprofundou ainda mais as diferenças

criando um ódio muito difícil de ser apaziguado. Por esta razão, hoje a África do Sul tem tantas línguas oficiais. Não foi possível chegar a um acordo de uma única língua oficial, pois nenhuma das culturas existentes estaria disposta a abrir mão de seu próprio dialeto em detrimento a outro.

A convivência entre as raças continua a ser um problema na África do Sul. Como se sabe, Johannesburgo já se tornou a cidade mais violenta do mundo. O índice de estupros, assassinatos, roubos que ocorrem na cidade é absurdo. O ódio causado por tantos anos de segregação racial não vai ser diminuído com tanta facilidade. Não é só necessário acabar com o apartheid, mas também procurar maneiras de fazer com que as diferentes raças se identifiquem umas com as outras, para que possam se reconhecer como seres humanos compatriotas e assim fazer o país melhorar.

O atual governo negro sul-africano está tentando fazer com que o país cresça e seja mais democrático, porém a insegurança e o medo trazidos da época do apartheid não acaba tão facilmente. Os negros conviveram durante tantos anos com regras injustas que os humilhavam, segregavam, matavam, que hoje eles têm uma dificuldade tremenda em aceitar qualquer tipo de regra sem desconfiança, nem mesmo as regras impostas por eles mesmos. O apartheid criou uma geração de pessoas com educação restrita, pessoas apavoradas com a simples idéia de retornar a um sistema tão injusto como foi o apartheid. Este tipo de medo só causa uma reação, a qual fica muito claro no ditado popular “a melhor defesa é o ataque”.

Por esta razão concluímos nesta monografia que somente as gerações futuras poderão mudar alguma coisa nas relações sociais na África do Sul. Esta geração que sofreu as agruras impostas por tantos anos de segregação está praticamente incapacitada de se livrar destas memórias e conseqüentemente se abrir para algum diálogo de integração racial. Afinal de contas, se temos um sistema que instiga as pessoas a ficarem longe umas das outras, como se esperar que, mesmo após o término do regime, elas voltem a conviver pacificamente?

O governo sul-africano vai continuar lidando por muito tempo com estas questões, pois para os negros hoje em dia não basta ter um tratamento igual ao das outras raças, eles querem ter um tratamento melhor. Quando se vêem frente a um não, logo associam este não a questões raciais, e se tornam atacantes. O que eles não conseguem ver é que na mesma

situação este não seria dado também a qualquer outra pessoa, independentemente de sua raça. Regras são feitas para serem seguidas e respeitadas por quem quer que seja. Somente assim os homens conseguem conviver uns com os outros de maneira pacífica.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUISSE, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

ARENDT, Hannah, *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 17ª.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

DAVENPORT, T.R.H. *South Africa: A modern History*. 2a. ed. Hong Kong: Macmillan South Africa (publishers) (PTY) LTD, 1978.

DE VILLIERS, Bertus. *Birth of a Constitution*. Capetown: The Rustica Pres (Pty) Ltd, 1994

GELLNER, Ernest. Nação em: OUTHWAITE, William (org). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

GINIEWSKI, Paul. *The two faces of Apartheid*. Chicago: Henry Regnery Company Editor, 1965.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SHORE, Cris. Comunidade, em: OUTHWAITE, William (org). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

VAN DER ROSS, R.E. *The rise and decline of apartheid: A study of political movements among the coloured people of South Africa*. Cape Town, South Africa: Tafelberg Publishers Ltd, 1986.

FILMES:

AVILDSSEN, John G. *O poder de um jovem*, Warner Bros. 1992

ATTENBOROUGH, Richard. *Um grito de liberdade*, Universal Studios, 1987.

HANGCOCK, Raymond. *Images of South Africa*. 1994.

ROODT, Darrel James. *Sarafina*, Warner Bros. 1993

ANEXO I**Mapa do movimento das raças em direção ao interior da África do Sul**

